

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA**

CIBELY EUGÊNIA DA SILVA

**A REALIZAÇÃO DO ASPECTO VERBAL EM SENTENÇAS DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO**

Maceió/AL

2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA**

CIBELY EUGÊNIA DA SILVA

**A REALIZAÇÃO DO ASPECTO VERBAL EM SENTENÇAS DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Telma Moreira Vianna Magalhães

Maceió-AL

2013

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Fabiana Camargo dos Santos

- S586a Silva, Cibely Eugênia da.
A realização do aspecto verbal em sentenças do português brasileiro /
Cibely Eugênia da Silva. – 2013.
92 f.
- Orientadora: Telma Moreira Vianna Magalhães.
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística : Linguística) –
Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-
Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2013.
- Bibliografia: f. 87-92.
1. Língua portuguesa – Aspecto verbal. 2. Língua portuguesa – Tempo verbal. 3. Sentenças declarativas finitas. I. Título.

CDU: 801.25:801.559



TERMO DE APROVAÇÃO

CIBELY EUGÊNIA DA SILVA

Título do trabalho: *UMA INTERPRETAÇÃO ASPECTUAL EM SENTENÇAS DO PORTUGUÊS*

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRA em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Profa. Dra. Teima Moreira Vianna Magalhães (PPGL/UFAL)

Examinadores:

Prof. Dr. Jair Gomes de Farias (PPGL/UFAL)

Profa. Dra. Cláudia Roberta Tavares da Silva (UFRPE)

Maceió, 21 de junho de 2013.

AGRADECIMENTOS

Especialmente aos meus pais pela dedicação e cuidado que sempre tiveram com a minha educação.

Ao meu namorado, amigo, companheiro, Jorge Barbosa, pela delicadeza e compreensão de sempre.

Aos amigos Valkiria Calheiros, Dayane Sousa, Priscila Rufino, Wilker Melo, Diogo dos Santos, Luis Paulo Nascimento Silva e Lucas Alves pelas horas de distração nos momentos estressantes.

Aos colegas do curso de Letras, em especial Thaysa Oliveira Barbosa, Elaine Santos, Mary Hellen Batista, Jonsom Teixeira, João Paulo Oliveira, Dariana Nunes dos Santos, Solyany Soares Salgado e Renata Livia Araújo pelas horas preciosas de estudos na Faculdade Letras e pelas conversas cativantes.

À minha orientadora, Telma Moreira Vianna Magalhães, pela atenção e paciência prestadas durante a composição deste trabalho.

Aos professores que participaram da qualificação, em especial à Profa. Dra. Núbia Rabelo Bakker Faria pela correção detalhada e pelas dicas preciosas, e ao Prof. Dr. Miguel Oliveira, ambos da Universidade Federal de Alagoas.

Aos professores que aceitaram participar da defesa: Profa. Dra. Cláudia Roberta Tavares Silva da Universidade Federal Rural de Pernambuco, ao Prof. Dr. Jair Gomes de Farias da Universidade Federal de Alagoas e ao Prof. Dr. Aldir Santos de Paula da Universidade Federal de Alagoas, suplente da banca.

À Profa. Dra. Maria Denilda Moura, a quem devo minha eterna gratidão, pois foi durante a minha participação como pesquisadora do Programa de Educação Tutorial (PET/Letras) que decidi dar continuidade dos estudos na pós-graduação.

Ao Prof. Dr. Aldir Santos de Paula pelos empréstimos dos livros, pelos conselhos e pelas sugestões que me ajudaram a iniciar este trabalho.

Ao prof. Dr. Jair Gomes de Farias, a quem devo o incentivo para começar esta pesquisa.

À CNPq pelo financiamento da pesquisa.

A todas as pessoas que torceram pela finalização de mais uma etapa, deixo o meu MUITO OBRIGADA.

RESUMO

Esta pesquisa tem um caráter descritivo, onde fizemos uma discussão em torno do fenômeno intitulado como aspecto verbal. Para tanto, utilizamos os pressupostos teóricos da linguística funcional por meio dos trabalhos de Castilho (1968) e Travaglia (1981). Contamos ainda com Costa (1990), Oliveira (2003) e Corôa (2005) para embasar nossos argumentos. Nosso objetivo era discorrer sobre o aspecto verbal tentando facilitar, para qualquer estudante iniciante nas pesquisas em torno do aspecto, a leitura sobre o tema. Na primeira parte do trabalho discorreremos sobre o tempo e o aspecto verbal e sobre as sentenças onde o aspecto verbal ocorre e quais as condições pertinentes para sua interpretação. Na segunda parte apresentamos o quadro de realização aspectual composto por Castilho e Travaglia. Na terceira parte apresentamos uma proposta para facilitar a interpretação do aspecto verbal nas sentenças do Português brasileiro, com base no que foi apresentado ao longo do texto. Utilizamos também o aspecto verbal em Inglês a partir dos estudos de Comrie (1976), em Mandarim a partir dos estudos de Klein, Li e Hendriks (2000) e em Yawanawá a partir dos estudos de De Paula (2007) para comparar com o quadro aspectual do Português para nos ajudar a compreender melhor este fenômeno. Reunimos toda a literatura que achamos necessária para tal feito. Acreditamos ter atingido nosso objetivo principal que era facilitar a abordagem do tema para pesquisas iniciais em torno do fenômeno.

Palavras-chave: Aspecto verbal. Tempo. Sentenças do Português brasileiro.

ABSTRACT

This research has a descriptive character and our purpose was making an explanation about the phenomenon named 'aspect'. In order to reach our objective, we have made use of the theoretical assumption in formal linguistics, particularly those presented by the works of Castilho (1968) and Travaglia (1981). In addition, we also based our arguments at the concepts of Costa (1990), Oliveira (2003) and Corôa (2005). Our focus was constructing the job in order to make easier the endeavors of the future aspect's researchers. On the first part we discoursed about the relation among tense and aspect. Futhermore, we have also analyzed sentences where there was aspect and tried to demonstrate which are the correct ways to interpret it. After that, on the second part, we presented the board of aspectual realization built by Castilho and Travaglia. On third part, we suggested an easier way to aspect's interpretation in the of Brazilian Portuguese, based in the text. Moreover, we have also made use of the aspect at the English language from the theories of Comrie (1976), at the Mandarin from the works of Klein, Li and Hendriks (2000) and at last, in the Yawanawá language from the thoughts of De Paula (2007), in order to make a comparison between these aspectual boards and Portuguese's, improving our interpretation of the phenomenon. We have made a reunion of all the references we judged necessary. We believe that we have reached our primary goal, which was: making easier the study of the subject on future beginer researches.

Keywords: Aspect. Tense. Brazilian Portuguese sentences.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1. valores e aspectos.....	44
QUADRO 2: noções e aspectos.....	60
QUADRO 3: características de durabilidade, dinamicidade, permanência e agentividade.....	78
QUADRO 4: marcas aspectuais.....	79
QUADRO 5: realização aspectual	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. O TEMPO E O ASPECTO	12
1.1 O aspecto em Mandarim, Yawanawá e Inglês	19
1.2 Noções de tempo	32
1.3 Conclusão	41
2. NOÇÕES DE ASPECTO	43
2.1 Castilho (1968)	43
Quadro 1- valores e aspectos	44
2.2 Travaglia (1981)	60
Quadro 2: noções e aspectos	60
2.3 Conclusão	74
3. O ASPECTO VERBAL	76
3.1: Uma leitura possível	77
Quadro 3: características de durabilidade, dinamicidade, permanência e agentividade.	79
Quadro 4: marcas aspectuais	80
Quadro 5: realização aspectual	81
3.2 Conclusão	85
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
5. BIBLIOGRAFICA CONSULTADA	87
6. REFERÊNCIAS	90

INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa é de cunho descritivo e o nosso objeto de pesquisa é o aspecto verbal no Português brasileiro, doravante PB. Nosso interesse por realizar este estudo surgiu a partir de duas situações: facilitar a leitura sobre o fenômeno para qualquer estudante que se interesse pelo tema e realizar discussões sobre a categoria aspectual, haja vista as relações que encontramos nas leituras feitas para a realização deste trabalho, a exemplo de Klein (1974 apud Corôa, 2005, p.64) que diz que o aspecto é uma categoria gramatical, enquanto a categoria léxico-semântica é a de modo de ser da ação: há tantos modos de ser da ação quantas forem as categorias descritivas de uma ação verbal. Dessa forma, o aspecto é tido como “uma passagem obrigatória no uso dos verbos, enquanto que para o modo de ser da ação essa passagem é facultativa, visto que não se trata de uma categoria gramatical, mas sim semântica.

Quanto a isso, Castilho (1968, p.41) diz que aspecto, ao contrário, é o ponto de vista subjetivo do falante sobre o desenvolvimento da ação. Reduz-se a uma compreensão *stricto sensu* do problema, pois se reporta apenas aos graus de realização da ação e não à sua natureza mesma, que é a Aktionsart. Daqui reduziram-se as noções aspectuais a uma bipolaridade, segundo a ação dure (imperfectivo) ou se complete (perfectivo). O semantema do verbo expressa o modo da ação; as flexões e as perífrases expressam o aspecto; fala-se, então, em "verbos aspectuais" e em "tempos aspectuais", distribuídos pela oposição presente e imperfeito (imperfectivo) / futuro, pretérito e mais-que-perfeito (perfectivo).

Smith (1991 apud Rodrigues, 2007, p.26), por exemplo, define a seleção de marcas aspectuais como um processo que incorpora dois níveis distintos, independentes entre si: situation aspect (situação do aspecto), o qual diz respeito ao modo como os humanos percebem e categorizam as situações; e viewpoint aspect (ponto de vista do aspecto), o qual se refere à visão parcial ou total de uma situação do aspecto específica, explicitada por meio de um morfema gramatical visível.

Em torno disso foi aumentando a questão das diferenças entre aspecto e modo da ação. Castilho (1968) ainda observa que o impasse gerado pelas discussões em

torno do aspecto e do modo da ação anula-se se nos pomos no papel do falante que precise figurar espacialmente o processo verbal, valendo-se dos recursos, tanto léxicos quanto morfológicos ou sintáticos, que a língua oferece.

Não pretendemos focar nossa discussão nessa antinomia entre categoria gramatical e lexical, aspecto e aktiosart (modo da ação), pois acreditamos que esta situação foi criada apenas por uma questão de não compreensão da categoria aspectual ou, como diz Castilho (1968, p. 40) “No afã de bem caracterizar essas duas vertentes da noção de aspecto, começou-se a falar de aspecto (*al. Aspekt*) e de modo da ação (*al. Aktionsart*). Por este motivo, creditamos nossa missão em discutir sobre . Discutir a respeito do que é o aspecto verbal é o nosso objetivo maior dentro deste trabalho. Em busca disso, surgiram outras problemáticas para a composição desta pesquisa e que estão incorporados na nossa procura pela questão central, que são: “Como o aspecto verbal se realiza?” e “Existe um marcador de aspecto para o Português brasileiro?”.

Importante destacar também que tomamos a nomenclatura PB em muitos momentos do texto devido à literatura que existe em linguística favorável ao uso da mesma. Em algumas partes do texto mencionamos apenas Português nas citações feitas porque os autores não fizeram distinção entre o Português Europeu e o Português brasileiro, no entanto, preferimos utilizar PB porque também utilizamos algumas referências do PE, como exemplo as citações de Oliveira (2003).

Para nos auxiliar nessa empreitada, contamos com textos de Castilho (1968) e Travaglia (1981) que desenvolveram um quadro de realização do aspecto verbal no Português, Oliveira (2003) e Corôa (2005) que proporcionaram uma interessante reflexão sobre o tempo e Costa (1990) traz uma interpretação envolvendo as marcas [\pm durativo], [\pm dinâmico] e [\pm permanente]. Contamos também com outros autores para embasar nossos argumentos no decorrer do texto.

Nosso foco é o Português brasileiro, mas ao tratarmos do aspecto, automaticamente, é feita uma relação com o tempo, pois como classificar uma sentença como “Amanhã vou a Santos”? O verbo está no presente do indicativo, mas a ideia de ir para algum lugar está no futuro, principalmente pela ajuda do advérbio “amanhã” que auxilia para que esta interpretação da sentença seja feita. Então, como classificar uma sentença desse tipo? Notamos que algumas confusões

podem surgir em torno do tempo e do aspecto, por isso achamos necessário comparar alguns exemplos de aspecto em Mandarim, Yawanawá e Inglês para saber como o aspecto se realiza nessas línguas e se essa realização pode solucionar o problema da confusão com o tempo verbal.

Neste sentido, buscamos respostas a partir de discussões sobre o tempo e o aspecto a partir de reflexões sobre o tempo verbal e sobre o quadro aspectual que conhecemos em PB e quais as vantagens e as desvantagens desse quadro atual para facilitar uma interpretação aspectual. Os exemplos utilizados são dos autores que compõem nosso referencial teórico. Selecionamos as sentenças de acordo com os aspectos apresentados e, a partir disso, tentamos refletir sobre a melhor forma de interpretar como estas sentenças poderiam apresentar o aspecto verbal.

Na primeira parte do trabalho fizemos uma discussão sobre o tempo e o aspecto, haja vista a necessidade em explicar se o tempo e o aspecto se separam e como identificamos a realização do tempo em PB, partindo das propostas de Oliveira (2003) e Corôa (2005). Na segunda parte apresentamos o quadro teórico composto por Castilho (1968) e Travaglia (1981) para mostrarmos como o aspecto verbal se apresenta em PB. Na terceira parte apresentamos uma interpretação do aspecto verbal em sentenças do PB, visando facilitar a leitura desta categoria para pessoas iniciantes nesse estudo. Posteriormente, concluímos nosso trabalho, com algumas questões esclarecidas, acreditamos, e outras tantas por esclarecer em trabalhos futuros.

1. O TEMPO E O ASPECTO

Nesta etapa, discorreremos sobre quais as condições pertinentes para realização do aspecto verbal a nível da sentença, o que pode facilitar sua identificação e interpretação e quais são os elementos que facilitam para que o aspecto seja identificado. A questão do tempo em relação ao aspecto também será discutida, pois acreditamos que a questão do tempo em relação ao aspecto é bastante pertinente para o nosso estudo e merece um esclarecimento, pois, como iremos mostrar, é por causa da definição de aspecto dada por alguns pesquisadores que surgiu a analogia com o tempo. Para uma definição geral, Castilho (1968, p. 14) diz que o aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento. É pois a representação espacial do processo. Travaglia (1981, p. 33) diz que o aspecto é uma categoria verbal de TEMPO¹, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do complemento e o da realização, além de que trata da referência ou não à estrutura temporal interna de um fato.

A partir destas definições, tomemos como exemplo a sentença²:

(1) Estive caminhando por muito tempo.

A primeira leitura que fazemos da sentença em (1) é que ela está no pretérito perfeito do indicativo, uma ação que ocorreu no passado. Por outro lado, há uma segunda leitura que indica que o verbo principal (estive) auxilia o verbo caminhando fazendo com que a sentença transmita uma ideia de duração. Aliado a este fato, caminhando está no gerúndio o que facilita esta interpretação durativa. Pensando

¹ Grifos do autor.

² São de Travaglia (1981, p.53) os exemplos (1), (2) e (3).

nisso, podemos dizer que a primeira situação, a ação que já ocorreu, é télica, enquanto que a segunda, a que está em desenvolvimento no tempo, é atélica. Vejamos os exemplos que seguem:

(1) João fez a cadeira (télico).

(2) João leu (atélico).

Em (2) dizemos que é uma situação télica porque só poderemos dizer que a cadeira foi construída se ela estiver totalmente pronta, enquanto em (3) não é preciso saber que João terminou de ler o livro até o fim para dizer que ele leu.

Quanto aos eventos télicos e atélicos, Castilho (1968, p. 108) divide os verbos em duas classes semânticas: verbos *télicos* (que indicam ações que tendem para um fim) e verbos *atélicos* (ações que não tendem para um fim).

Travaglia (1981, p. 52) assume que nos verbos télicos a situação não termina antes de chegar neste ponto terminal ou final, ou seja, não se pode parar uma situação como (2) porque ela não terá cumprido a sua finalidade. São verbos desse tipo: decidir, fazer uma cadeira, morrer, nascer, explodir, engolir etc. Já em (3) a situação poderia ser interrompida sem deixar de ser verdadeira, pois não é necessário que João leia a obra toda para entendermos que ele leu o livro. Essa última situação caracteriza o verbo atélico. São verbos desse tipo: cantar, chover, ler, caminhar, mastigar, andar etc.

Esta questão da telicidade e atelicidade proposta em Castilho ainda não ficou clara porque se tomarmos uma sentença como em (3) consideramos que a leitura foi concluída, pois João não precisa ler o livro completo para entendermos que ele leu. Então, aceitamos que “ler” pode ser um verbo que carregue uma informação télica. Da mesma forma, questionamos os verbos atélicos citados por Travaglia posto que em situações como “O João cantou”, “O João mastigou” e “O João andou” entendemos que o objetivo foi alcançado. Neste sentido, achamos essas primeiras informações dadas pelos autores insuficientes para compreendermos a questão da telicidade e atelicidade dos verbos.

Basso (2007, p.74) organiza as características dos eventos télicos para facilitar sua identificação, que são eles: (i) o início do evento, seu começo; (ii) o evento ou

eventos que levam ao *telos*, que é o ponto considerado como final do evento em questão, e (iii) o *telos* ou culminação do evento propriamente dito, cujo alcance indica o término do evento, sua completude, e estabelece um limite para além do qual o evento não pode continuar. No caso de eventos atéticos há apenas dois componentes: (i) o início do evento e (ii) o evento ou eventos propriamente dito(s). Nesse caso, não há um limite que indique quando o evento se completa e a partir do qual o evento não pode continuar. Essa é uma das razões pelas quais os eventos atéticos podem continuar indefinidamente e, sob certas condições, serem somados mereologicamente³ (corrida + corrida = corrida).

Oliveira (2003, p.135) divide os eventos téticos em **processos culminados** – quando têm duração razoavelmente longa- e **culminações**- duração muito breve (ou nenhuma) - e os eventos atéticos em **processos**⁴. Ainda há os **pontos**, que são eventos temporalmente indivisíveis e que se distinguem das culminações por não admitirem um estado resultante. Vejamos alguns exemplos⁵:

(3) A Maria escreveu o relatório. (processo culminado)

(4) A Maria espirrou. (ponto)

(5) A Maria ganhou a corrida. (culminação)

(6) A Maria trabalhou. (processo)

Em (4) há um processo culminado porque o evento de “estar pronto o relatório” teve uma duração que tendeu para um fim. Por outro lado, em (5) não há como considerar um estado resultante, apenas um ponto, um momento em que o espirro ocorreu. Já em (6) podemos considerar um estado resultante, aquele em que a situação é descrita como o próprio fim, isto é, o que se considera aqui é o momento em que Maria alcançou o seu objetivo que era vencer a corrida e que praticamente não se atribuiu duração. Já (7) é um processo porque consideramos um evento com

³ Mereologia (me.re.o.lo.gi.a) Lóg.sf.1. Ramo da lógica que estuda as relações entre as partes e o todo.2. Álgebra booliana que exclui a classe nula. [F.: *mereo-* + *-logia*.Hom./Par.: *mereologia* (sf.), *merologia* (sf).] Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/mereologia#ixzz2JzVnslo9>.

⁴ Grifo nosso.

⁵ São de Oliveira (2003, p. 135) os exemplos (4), (5), (6) e (7).

duração e cada porção dessa atividade é do mesmo tipo que a atividade em si, o que Basso (2007) chamou de medir mereologicamente a ação (trabalho + trabalho = trabalhou). Isto quer dizer que o processo não possui delimitação por natureza e não é homogêneo, posto que em (7) podemos considerar cada etapa de “Maria trabalhou” como um trabalho concluído, o que não acontece com os outros processos, como no caso do processo culminado, por exemplo. Este último é um tipo de evento complexo que envolve um processo e a sua conclusão (culminação), por esta razão que em (4) apenas se considera um estado preparatório para a conclusão do relatório, uma vez que ele não foi terminado. Especialmente neste caso não são da mesma natureza as frações que constituem as partes do relatório.

Neste sentido, a noção de telicidade e atelicidade é importante para compreendermos a noção de aspecto em PB porque, em alguns casos, se o verbo e os adjuntos favorecerem para que as noções citadas se estabeleçam, o aspecto é definido. Em consequência dessa compreensão podemos fazer a distinção entre tempo e aspecto. Castilho (2010, p. 420) explica que alguns advérbios durativos + verbos atélicos confirmam a imperfectividade destes (como acontece em *andaram durante três horas*). Combinados com verbos télicos suscitam a iteratividade (é o caso de *caíram durante três horas*). Analogamente, advérbios pontuais + verbos atélicos especificam uma imperfectividade inceptiva (por exemplo: *andaram às três horas*, isto é, *começaram a andar às três horas*). Combinados com verbos télicos confirmam a perfectividade destes (como em *caíram às três horas*). Dessa forma, podemos relacionar telicidade e atelicidade com advérbios aspectualizadores para encontramos a perfectividade e a imperfectividade da estrutura frásica e distingui-los do tempo, pois uma vez que marcam a imperfectividade estamos no campo aspectual da sentença e não dos verbos.

Segundo Oliveira (2003, p. 130), em Português, assim como em outras línguas, os tempos verbais também são portadores de informação aspectual, sem que a distinção entre tempo e aspecto se possa fazer morfológicamente. Neste caso, como analisar a sentença “Estive caminhando por muito tempo”? Como classificá-la? Segundo a autora, a definição de aspecto se apresenta dessa forma:

A categoria **Tempo**⁶ serve para localizar as situações (eventos ou estados) expressas nas línguas em diferentes tipos de enunciados. A forma mais comum de se marcar essa localização é através dos tempos verbais, embora os advérbios ou expressões adverbiais de tempo e certas construções temporais também tenham essa função. O **Aspecto**, por seu turno, fornece informações sobre a forma como é perspectivada ou focalizada a estrutura temporal interna de uma situação descrita pela frase, em particular pela sua predicação. (OLIVEIRA, 2003, p. 129)

Tomemos o exemplo:

(7) Rui trabalhou durante (toda) a manhã.

O advérbio que marca o tempo também é responsável pela marcação do aspecto, pois, se observamos que a ação já ocorreu pela manhã e essa manhã está no passado, também observamos que Rui trabalhou durante uma manhã até chegar ao fim dela, independente se o trabalho combinado foi totalmente concluído. Da mesma forma que entendemos que essa situação ocorreu no passado, visualizamos o desenvolvimento da ação que levou a manhã toda para ser cumprida. Então, podemos dizer que enquanto o tempo se preocupa em determinar que *trabalhou* ficou no passado, o aspecto se preocupa em determinar que essa ação desenvolveu-se durante uma manhã.

Castilho (2010, p.417) diz que o aspecto é uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou seja, as fases que ele pode compreender. O termo *aspecto*, que encerra o radical indoeuropeu *spek*, “ver”, capta outra propriedade dessa categoria: trata-se de um ponto de vista sobre o estado de coisas. Tempo é uma propriedade da predicação cuja interpretação tem de ser remetida à situação de fala e pode ser dêitico ou anafórico. É assim que se pode representar a simultaneidade, a anterioridade e a posterioridade. Vejamos algumas sentenças⁷:

⁶ Grifo da autora.

⁷ São de Castilho (2010, p.431) grifos e os exemplos (8), (9) e (10).

(9) O ônibus **está demorando** para chegar.

(10) O ônibus **esteve demorando** para chegar na semana passada.

(11) Do jeito que as coisas andam, o ônibus **estará demorando** para chegar durante o ano todo.

As três sentenças acima refletem um estado de coisas influenciado por três perspectivas temporais: o presente (9), o passado (10) e o futuro (11). O aspecto permanece o mesmo, no caso o imperfectivo⁸. Por mais que o tempo mude, o aspecto, ou seja, “os graus de desenvolvimento da ação”, não muda, posto que as situações que foram influenciadas pela demora do ônibus não se distanciam internamente.

De acordo com Travaglia (1981, p. 32) a categoria tempo situa o momento de ocorrência da situação a que nos referimos em relação ao momento da fala como anterior (passado), simultâneo (presente) ou posterior (futuro) a esse mesmo momento. É uma categoria dêitica, uma vez que indica o momento da situação. Aqui temos uma datação. A categoria **aspecto**⁹ não é uma categoria dêitica, pois se refere à situação em si. Para o autor, o tempo se divide da seguinte forma:

- tempo – categoria verbal (correspondente às épocas: passado, presente e futuro);
- tempos flexionais – flexão temporal (agrupamentos de flexões da conjugação verbal: presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente, futuro do subjuntivo etc);
- TEMPO – A ideia geral e abstrata de tempo sem consideração de sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase.

⁸ O imperfectivo é caracterizado por apresentar a situação como **incompleta**, isto é, não temos o todo da situação e, por isso, ela é apresentada em uma de suas fases de desenvolvimento. Exemplos: “**Estou escrevendo** há dois dias e **começo a sentir-me** fatigado” e “A competição **iniciava-se** naquele instante”. (TRAVAGLIA, 1981, p.78).

⁹ Grifos do autor.

Suscita também da analogia com o tempo a confusão entre perfectivo e pretérito perfeito e imperfectivo e pretérito imperfeito, pois esses tempos verbais remetem aos aspectos mencionados. Vejamos como isso é possível¹⁰:

12. a. Quando cheguei, ela **olhava** pelo buraco da fechadura.
- b. Quando eu cheguei, ela **olhou** pelo buraco da fechadura.
- c. Lá o barranco por onde eu **subia**.

Em (12. a) o pretérito imperfeito indica anterioridade da ação, pois “olhava” é anterior a minha chegada (noção temporal), sendo assim, ela poderia já estar olhando pelo buraco da fechadura quando cheguei e, neste caso, eu posso ter interrompido a ação ou ela pode ter continuado olhando pelo buraco da fechadura sem notar a minha presença. A sentença é marcada por uma ação imperfectiva durativa (noção aspectual). Já em (12. b) “olhou” está no pretérito perfeito que indica que a ação de olhar é simultânea à minha chegada. Nesta sentença, a noção perfectiva pontual prevalece (noção aspectual), porque a ação ocorreu no momento da minha chegada e se concretizou. Em (12.c) “subia” indica uma noção imperfectiva de iteratividade (noção aspectual). Há uma continuidade da ação, que se repete, mas o aspecto imperfectivo presente nas sentenças (12.a) e (12.c) ocorre também pela presença dos traços durativo e iterativo e não apenas pela terminação do verbo em va e ia, bem como ocorre com a questão da perfectividade em (12.b). Neste sentido, não podemos afirmar que o pretérito perfeito é o aspecto perfectivo por causa da terminação verbal, mas sim pela ideia que determinada ação produz.

Para entendermos melhor o fenômeno do aspecto verbal, vamos comparar, brevemente, o Português brasileiro com o Inglês, o Mandarim e o Yawanawá, para perceber se a expressão aspectual ocorre da mesma forma nessas línguas como ocorre em PB.

¹⁰ Exemplos de Castilho (2010, p.433).

1.1 O aspecto em Mandarim, Yawanawá e Inglês

Os estudos realizados por Klein, Li e Hendriks¹¹ (2001) mostram para o Mandarim que esta é uma língua em que a marcação aspectual ocorre com marcadores exclusivos do aspecto. De acordo com eles há quatro marcadores aspectuais, que são: *le*, *guo*, *zhe*, e *zai*. Os três primeiros marcadores aparecem depois do verbo nas sentenças, enquanto o último o precede. Há um consenso entre os estudiosos dessa língua de que esses marcadores aspectuais não relacionam a situação descrita pela sentença com o tempo de expressão, mas expressam várias perspectivas sobre a situação. Portanto, expressam vários aspectos em vez de relações tensas e, muitas vezes, são chamados de partículas ou marcadores de aspecto. Existe também um acordo que *zhe* e *zai*, de alguma forma, podem caracterizar a situação como estando no imperfeito, progressivo ou durativo, enquanto *le* e *guo* expressam um perfectivo (ou talvez perfeito). Vejamos alguns exemplos¹².

13.a Qi-chi zhuang-dao -le fangzi.

car hit-break -LE house

The car knocked down the house.

O carro derrubou a casa.

b. Xiao yazi you -le young

duckling swim-LE stroke

The duckling swam.

O patinho nadou.

¹¹Nosso interesse em utilizar essas línguas é entender como o aspecto verbal se realiza em outros contextos para saber se a realização deste fenômeno em Português é igual a outras línguas e se pode existir alguma relação entre elas, tratando-se do aspecto verbal. Por isso, não nos aprofundaremos mais neste momento.

¹² Exemplos de Klein, Li e Hendriks (2001, p. 724).

Em (13.a) há o chamado verbo resultativo que codifica o evento télico, ponto final resultativo (isto é, a destruição da casa) onde o perfectivo *le* indica que o resultado foi alcançado (isto é, o evento está completado). Se quisermos expressar, em PB, um verbo que tenha alcançado o seu *telos*, podemos retomar Castilho (2010, p. 425) quando explicou o perfectivo resultativo. Segundo o autor, este aspecto tem as seguintes propriedades: (i) ocorre nas predicções estático-semânticas, associando uma ação a um estado; (ii) a ação, necessariamente tomada no passado, é pressuposta; (iii) o estado presente decorre dessa ação; (iv) há relações entre o resultativo e a voz passiva. Vejamos alguns exemplos em PB¹³: “Aquilo **se torna** uma imposição”, “As provas **estão corrigidas**”, “As provas **foram corrigidas**”, **Ficou resolvido** que não sairíamos de casa”. Destoante do Mandarin, em PB não há um marcador específico, como *le*, para marcar o perfectivo resultativo. Esse aspecto em PB é marcado pelo verbo e pelos auxiliares verbais (“se torna”, “estão corrigidas”, “foram corrigidas” e “ficou resolvido”) dando às sentenças a noção de perfectividade e resultatividade.

Em oposição ao que foi apresentado em (13.a), (13.b) traz um verbo de atividade atélico *you-young* “nadar” que codifica o ponto final e *le* indica que o evento teve lugar e terminou em algum ponto indefinido. O sufixo aspectual *le* expressa perfectividade, isto é, indica que um evento é visto em sua totalidade ou como um todo. Um evento é visto em sua totalidade se for limitado temporalmente, espacialmente, ou conceitualmente. Se quisermos expressar em PB um evento atélico codificando um ponto final teremos que recorrer ao perfectivo pontual, como nos exemplos “**Ajeitou** os cabelos **de um golpe**” e “Você acha que ele não vai fixar essa ideia? **Já fixou**”¹⁴.

O sufixo aspectual *guo* significa que um evento foi realizado com relação ao tempo de referência. Quando o tempo de referência não é especificado, então os sinais de *guo* mostram que o evento foi realizado pelo menos uma vez em algum tempo indeterminado, que é geralmente no passado indefinido. Ainda, os autores adotam que *le* e *guo* diferem porque *le* não só indica contorno limitado, mas também

¹³ Grifos e exemplos de Castilho (2010, p. 425).

¹⁴ Grifos e exemplos de Castilho (2010, p. 424).

marca um evento específico ou definido, enquanto que para *guo* basta que um acontecimento do tipo descrito pela frase ocorra em algum momento. Vejamos alguns exemplos¹⁵:

14.a Lisi da-po -le yi-ge beizi.

Lisi hit-break -LE one-CL cup

Lisi broke a cup.

Lisi quebrou um copo.

b. Lisi da-po -guo yi-ge beizi.

Lisi hit-break -GUO one-CL cup

Lisi once broke a cup.

Uma vez Lisi quebrou um copo.

Em (14.a) a sentença faz referência a uma situação em que os pedaços quebrados do copo ainda podem ser lançados no chão; *le* indica uma ação completa do copo quebrado. Analogamente, em (14.b) a sentença é apropriada apenas quando refere a experiência que Lisi teve – que ela quebrou o copo (em algum ponto indefinido do passado, sem dia, data ou hora específica). Segundo Ilari (1997, p.20) ao construir e interpretar os adjuntos que localizam eventos, os falantes recorrem, em última instância, aos mesmos mecanismos pelos quais identificam pessoas e objetos. Há sempre a necessidade de uma ancoragem no real, que pode ser dada quer pela situação de fala, quer pela escolha de algum ponto de referência ao qual tanto o locutor como o interlocutor têm acesso. Se quisermos expressar uma situação como (14.b), em PB, a expressão adverbial será a responsável por tal interpretação, como no exemplo “**Um dia** Ana viajou”. Nesta sentença, o ponto de ancoragem é a viagem de Ana.

De acordo com a análise tradicional, os dois marcadores imperfectivos *zhe* e *zai* diferem dos tipos verbais aos quais podem ser aplicados: *zai* não pode ser usado com verbos estativos que indicam os estados completamente homogêneos,

¹⁵ Os exemplos são de Klein, Li e Hendriks (2001, p. 725)

enquanto *zhe* pode ser usado com verbos que indicam, pelo menos, alguns estados homogêneos, mas normalmente não são eventos dinâmicos. Por exemplo, podendo um verbo ter tanto uma leitura dinâmica ou estática, a dinamicidade ocorre pela utilização de *zai*, como no exemplo que segue em (15.a), enquanto a estaticidade ocorre geralmente pela utilização de *zhe*, como em (15.b)¹⁶.

15.a. Lisi zai chuan yi-jian qunzi

Lisi ZAI put-on one-CL skirt

Lisi is putting on a skirt.

Lisi está colocando uma saia.

b. Lisi chuan-zhe yi-jian qunzi.

Lisi wear-ZHE one-CL skirt

Lisi wears a skirt.

Lisi veste uma blusa.

Segundo oliveira (2003, p. 136) para expressar verbos dinâmicos e estáticos em Português nós teremos que compreender os **processos** e os **estados**, os primeiros são caracterizados por terem eventos atéticos, são dinâmicos e admitem um intervalo no todo homogêneo. Um exemplo é a sentença “A Maria trabalhou”; e os estados têm em comum com os processos o fato de serem atéticos, não delimitados por natureza e homogêneos e admitem qualquer intervalo no todo homogêneo. Outro caso é a sentença “A Maria está doente”. Estar doente não admite qualquer pausa sob pena de Maria deixar de estar doente, já trabalhar admite qualquer pequeno intervalo na atividade sem que isso ponha em causa o próprio processo. No caso, a sentença “A Maria trabalhou” não sofreu prejuízos e pode ser entendida como um processo mesmo se o trabalho foi interrompido em algum momento no dia, o que não exclui o fato de que Maria trabalhou. Em

¹⁶ Exemplos de Klein, Li e Hendriks (2001, p. 727).

Mandarim, o verbo pode ser dinâmico se for auxiliado pelo sufixo *zai* ou estático se for auxiliado pelo sufixo *zhe*. O sufixo pós-verbal é o responsável pela identificação do tipo de verbo, o que não ocorre em PB, pois a relação de dinamicidade ou estatividade do verbo se torna mais clara se conseguirmos identificar, por meio dos auxiliares verbais, se este verbo condiciona um evento atélico.

A partir do quadro aspectual em Mandarim, encontramos algumas características para o quadro aspectual em Português brasileiro. Em Mandarim os afixos responsáveis pela marcação aspectual são *le*, *guo*, *zhe* e *zai*, ao passo que em PB os elementos responsáveis por essa marcação na sentença são os advérbios, perífrases verbais, adjuntos, sufixos etc. Estes são essenciais para caracterizar o aspecto verbal. Neste sentido, destacamos que existem semelhanças, mas a estratégia morfossintática entre as duas línguas é diferente. A semelhança ocorre por meio da interpretação que essas marcas permitem nas sentenças, ou seja, em Mandarim e em PB existe uma interpretação perfectiva das sentenças (Qi-chi zhuang-dao **-le** fangzi- O carro **derrubou** a casa¹⁷), mas não existe uma relação da forma como essa perfectividade se apresenta porque em Mandarim ocorre por causa do “le” e em PB por causa da interpretação semântica da sentença, uma sentença perfectiva. É importante destacar que ainda é confusa a relação do aspecto com o tempo porque mesmo tendo uma interpretação perfectiva a sentença acima pode ser classificada morfologicamente como estando no pretérito perfeito do indicativo.

Caso semelhante ao Mandarim acontece no quadro aspectual em Yawanawá, pois esta língua também apresenta marcadores aspectuais específicos. Vejamos a contribuição que este quadro traz para a nossa discussão.

Segundo De Paula¹⁸ (2004, p. 119), em Yawanawá o verbo pode ser definido morfologicamente como uma classe lexical a que estão associadas categorias como tempo, aspecto e/ou modo, que se realizam através de sufixos. Sintaticamente o verbo opera como núcleo do predicado. Os verbos também podem ser formados derivacionalmente a partir de bases nominais. O autor constatou que em Yawanawá

¹⁷ Grifo nosso.

¹⁸ Para maiores informações sobre o Yawanawá ler De Paula “A língua dos índios Yawanawá do Acre” onde o autor detalha mais sobre essa língua.

d.

{□&⊗■}

□&⊗↑□■◆□■⊗◆■ ⊗◆◆⊗□
□(□&⊗■)

criança-PI-Erg macaxeira- Abs comer- AnF
As crianças estão comendo macaxeira.

Assim como no Mandarim, em Yawanawá há marcadores específicos de aspecto e, conseqüentemente, estratégias morfossintáticas diferenciadas. O que pode acontecer é que □&⊗() e □&⊗■() podem ser interpretados, no Português, pelo aspecto imperfeito cursivo, como nos exemplos traduzidos “Eu **estou lavando** minha roupa”, “Nós **estamos comendo** batata” “Eles estão indo”, “As crianças **estão comendo** macaxeira”, “A cidade **está crescendo** desordenadamente” e “É isso que a gente **vem dizendo** até agora...certo?”²⁰.

A marca {□○()} é usada para indicar ações habituais ou feitas com certa frequência. Já {□◆()} é usado para indicar ações realizadas há pouco tempo ou até vinte e quatro horas antes do momento da fala. Vejamos os exemplos²¹:

e.

{-○()}

&◆◆◆□ □() □(○())

urubu-Erg carniça- Abs comer- Hab
O urubu come carniça.

f.

{-

○()&↑◆() ■⊗○() □⊗
⊗ □(○())

gato- Erg carne- Abs crua- Abs comer- Hab

□ Exemplos de Castilho (2010, p. 422).

²¹ Exemplos de De Paula (2004, p. 126)

relacionada à sentença. Em Yawanawá não é necessário tal conhecimento porque o próprio marcador aspectual é responsável por indicar que a situação ocorreu há pouco tempo ou até vinte e quatro horas antes do momento da fala.

A marca {𐄂◆𐄃○↑𐄄} é usada para indicar ações ocorridas entre dois e quatro dias antes do momento da enunciação. Vejamos os exemplos que seguem²³:

i. {𐄂◆𐄃○↑𐄄} 𐄃◆𐄂𐄃𐄄𐄅𐄆𐄇𐄈𐄉𐄊𐄋 𐄃𐄄𐄅𐄆𐄇𐄈𐄉𐄊𐄋
 𐄂&𐄃𐄄◆𐄅𐄆𐄇𐄈𐄉𐄊
 onde-Int pescaria-Abs acontecer-AP
 Onde aconteceu a pescaria?

j. {𐄂◆𐄃○↑𐄄} 𐄃●𐄄𐄅𐄆𐄇𐄈𐄉𐄊𐄋𐄌𐄍𐄎𐄏𐄐𐄑𐄒𐄓𐄔𐄕
 𐄂𐄃𐄄𐄅𐄆𐄇◆𐄈𐄉𐄊𐄋𐄌𐄍𐄎𐄏𐄐𐄑𐄒
 NP-Abs sangrar-AP
 Alreni menstruou.

Em Yawanawá, a marca do aspecto (𐄂◆𐄃○↑𐄄) é a responsável por identificar a situação. Já no caso do PB não é possível tal acontecimento, pois as sentenças acima só serão possíveis de interpretar com o auxílio dos marcadores de tempo, uma vez que ações com prazo específico são marcadas pelos advérbios, pelas datas, como nas sentenças “**Ontem** aconteceu a pescaria” ou “**Há dois dias** Alreni menstruou”. Vejamos alguns exemplos com o tempo passado e não-passado²⁴:

²³ Exemplos de De Paula (2004, p. 116).

²⁴ Idem (p. 123).

l.

3s-Erg jacaré-Abs Con anta-Abs matar-Pas
 Ele matou um jacaré e uma anta.

m.

1p-Erg macaxeira- Abs cozida comer-N. pas
 Nós estamos comendo macaxeira cozida.

Em (16.l) temos o passado imediato que refere a fatos ocorridos há poucos minutos ou a até uma hora antes do momento da enunciação, é marcado pelo sufixo {-a}. Em (16.m) o tempo não-passado não é marcado morfologicamente, ficando o verbo em sua forma básica. Dependendo da situação que se quer expressar, ele usará o aspecto ou o tempo.

Caso curioso é a semelhança entre o Mandarim e o Yawanawá, na marcação aspectual, pois nas duas línguas os marcadores são próprios do aspecto. Os marcadores de tempo são responsáveis por marcar o tempo e os de aspecto são responsáveis por marcar o aspecto não abrindo margem para confusões entre tempo e aspecto, como acontece em Português brasileiro, por exemplo. Por outro lado, podemos encontrar uniformidade nos significados das sentenças pelas traduções, afinal foi possível compreender as sentenças de Yawanawá em PB. As diferenças entre as línguas ocorrem quando os marcadores de aspecto apareceram nas sentenças (Mandarim e Yawanawá) porque cada marca carrega uma informação específica e em PB não há um marcador de aspecto. Neste sentido, podemos entender que a comparação entre as línguas citadas é possível.

Por outro lado, o Inglês não carrega uma estratégia morfossintática diferente do PB, como as línguas citadas. Alguns autores, como Comrie (1976, p. 3), assumem que o aspecto é uma categoria gramatical e por isso deve ser percebida também por meio da flexão dos verbos. Para o autor “Aspects are different ways of

viewing the internal temporal constituency of a situation²⁵”, enquanto o tempo cuida da parte externa.²⁶ Ainda assim, uma sentença como “John was reading when I entered” (John estava lendo quando entrei) pode ter uma interpretação de localização da situação que é, neste caso, a minha entrada no momento da leitura de John, mas essa é uma leitura dêitica (portanto temporal), também conhecida como a situação externa. De acordo com o autor, o aspecto divide-se em duas grandes categorias: perfectivo e imperfectivo que carregam os seguintes valores aspectuais: habitual, contínuo, progressivo e não-progressivo.

A perfectividade envolve a falta de referência explícita à constituição temporal interna de uma situação, fazendo-se necessário, para este aspecto, a visualização da totalidade da situação, ou seja, que ela seja englobada como um todo. A situação é vista do lado de fora²⁷, aproveitando a proposta de Comrie nós acrescentamos a característica [-desenvolvimento] a árvore que ele desenvolveu porque não há visualização do seu desenvolvimento. Um exemplo é a sentença “John read” (John leu), onde não há uma percepção de início ou fim dessa ação, há apenas a constatação de que John leu. Por outro lado, temos a sentença “John was reading” (John estava lendo) indicando o aspecto imperfectivo, que faz referência ao desenvolvimento da situação, ou seja, dá para perceber que a situação não atingiu seu *telos*. Por isso acrescentemos a classificação de Comrie o traço [+desenvolvimento]. A partir disso, o autor separa o imperfectivo do perfectivo.

O imperfectivo pode ser habitual ou contínuo. O habitual não quer dizer apenas que a situação possa ser repetida por um considerável número de vezes, mas que é possível que ela aconteça constantemente, como uma rotina, por isso

²⁵ Aspectos são diferentes formas de ver a constituição temporal interna de uma situação. Tradução aproximada.

²⁶ Aspect is not concerned with relating the time of the situation to any other time-point, but rather with the internal temporal constituency of the one situation; one could state the difference as one between situation internal time (aspect) and situation-external time (tense). COMRIE (1976, p. 5)

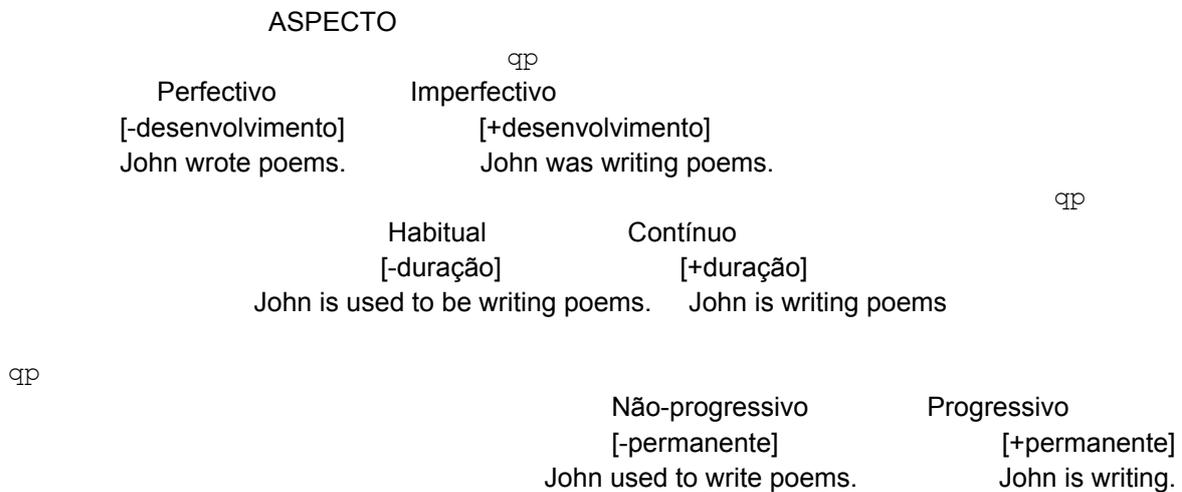
²⁷ From the definition of perfectivity given above, it follows that perfectivity involves lack of explicit reference to the internal temporal constituency of a situation, rather than explicitly implying the lack of such internal temporal constituency. Thus it is quite possible for perfective forms to be used for situations that are internally complex, such as those that last for a considerable period of time, or include a number of distinct internal phases, provided only that the whole of the situation is subsumed as a single whole. (COMRIE, 1976, p. 21).

acrescentamos a característica [- duração] na classificação de Comrie para fazer uma oposição ao contínuo [+ duração], mas isso não implica dizer que o habitual não tenha uma certa duração em suas ações, apenas que em relação ao contínuo ele não carrega, com a mesma proporção, o traço da progressividade. Vejamos como exemplo a sentença “The policeman used to stand at the corner for two hours each day” (O policial costuma ficar na esquina por duas horas cada dia). Essa sentença descreve uma ação habitual do policial em ficar na esquina por duas horas todos os dias. Apesar de não ter uma duração prolongada, ou seja, uma continuidade sem interrupção alguma, é possível observar que esta ação possui porções de duração, ainda que esta duração tenha um limite de tempo para acontecer (no caso, duas horas).

Já o contínuo progressivo indica uma maior duração nas sentenças [+ permanente], como no exemplo “John is singing” (John está cantando) no sentido de que cantar é uma profissão na vida de John, enquanto que o não-progressivo [- permanente]²⁸ é usado para demonstrar um estado atual, de estar em uma determinada posição, sem necessariamente implicar que esta posição seja permanente, como no exemplo que está no não-progressivo: “I’m living at 6 Railway Cuttings” (Eu estou vivendo na 6 Railway Cuttings). Este exemplo fica mais claro quando contrastamos com o exemplo “I live at 6 Railway Cuttings” (Eu moro na 6 Railway Cuttings). O verbo *live* é estativo, então na sentença “Estou morando na 6 Railway Cuttings” não implica dizer que é um estado permanente, esta moradia pode ser passageira, diferente da segunda sentença em que *live* “Eu moro” pode indicar um estado mais permanente, de moradia fixa. Vejamos como é o quadro

²⁸ Thus such verbs as *live*, *stand* (in the sense of being in a certain position, rather than of assuming that position) are stative, and in most languages with distinct progressive forms may not appear in the progressive, while in English their progressive forms are used, and contrast with the corresponding nonprogressive forms, as in *I live at 6 Railway Cuttings* and *I’m living at 6 Railway Cuttings*, or *the Sphinx stands by the Nile* and *Mr. Smith is standing by the Nile*. In such pairs, the non-Progressive refers to a more or less permanent state of affairs, whereas the Progressive refers to a more temporary state. Thus if I say *I live at 6 Railway Cuttings*, I imply that this is my normal residence, whereas if I say *I’m living at 6 Railway Cuttings*, I imply that this is only a temporary residence (for instance, while my Mayfair flat is being redecorated). (COMRIE, 1976, p. 37).

com as oposições dos valores aspectuais em Inglês para o autor, acrescido de algumas informações que achamos necessárias para facilitar a compreensão²⁹:



O que é mais relevante para nós, por hora, nessa língua, é a aproximação com o aspecto verbal em Português, pois em ambos não há um marcador aspectual específico, como acontece em Mandarim e em Yawanawá. Diante do que foi dito, podemos concluir que, pelo menos nas línguas mencionadas, o tempo e o aspecto parecem ter atuações diferentes, mas os dois fenômenos tratam de situações; o tempo trata de identificar os seres, as pessoas e os objetos no mundo, seja pela marcação da data, hora, dia, mês, ano etc; enquanto o aspecto se preocupa com o desenvolvimento interno de uma situação. A diferença entre as línguas mencionadas está em como identificar o aspecto em cada sentença. No Mandarim e no Yawanawá o aspecto tem uma marcação específica, ou seja, um traço aspectual específico, que permite uma identificação do tempo e do aspecto em determinadas situações. Voltemos para o exemplo já citado: “Lisi zai chuan yi-jian qunzi” (Lisi está colocando uma camisa) indicando o aspecto imperfectivo em Mandarim e os exemplos:

“ ” (Onde aconteceu a pescaria?), indicando que a situação aconteceu entre dois a quatro

²⁹ Acrescentamos os traços [± desenvolvimento], [±duração] e [±permanente] à árvore de Comrie (1976, p. 25) porque achamos necessário deixar a árvore mais explicativa para facilita a apreensão dos conceitos utilizados pelo autor.

dias antes do momento da enunciação, marcando aspecto em Yawanawá. Por outro lado, o Inglês aproxima-se do PB porque ambos possuem estratégias morfossintáticas semelhantes, uma vez que a marca aspectual aparece junto com o tempo, realizados no verbo e nos auxiliares verbais. No exemplo: “John was reading when I entered” (John estava lendo quando eu entrei) há marcação do aspecto e do tempo.

Dessa forma, observamos que para línguas que não apresentam uma realização morfológica do aspecto, como é o caso do PB e do Inglês, o melhor é fazer uma interpretação conjunta com tempo, onde os níveis do desenvolvimento da ação podem ser percebidos. Toda essa discussão é importante para nos situarmos em relação a um dos nossos problemas de pesquisa que é “Tempo e aspecto se separam?”. Podemos dizer, com base no que foi exposto, que a resposta é não. Contudo, ainda temos um longo caminho a seguir no decorrer desta pesquisa para chegarmos a conclusões satisfatórias para nossa pesquisa. Neste caso, iremos mostrar algumas noções sobre o tempo de acordo com Oliveira (2003) e Corôa (2005) para nos ajudar a encontrar conclusões satisfatórias para o nosso estudo.

1.2 Noções de tempo

Oliveira (2003) e Corôa (2005) adotam o modelo criado por Reichenbach³⁰ (1980), no livro *Elements of Symbolic Logic*, onde ele explica propriedades lógicas das línguas naturais e, ao tratar do verbo, aponta como característica fundamental dos morfemas de tempo (tense) do Inglês a capacidade de relacionar cronologicamente três pontos que seriam estruturalmente relevantes para sua compreensão. Por este motivo, trazemos as ideias desse autor, na interpretação de Ilari (1997) e Corôa (2005), para que possamos seguir com a discussão. Vejamos o esquema utilizado por Reichenbach³¹:

³⁰ As autoras identificam que o modelo proposto por elas é oriundo do modelo reichenbachiano (Event time, Speech time e Reference time).

³¹ O acesso a foi por meio de Corôa (2005).

- Ponto do Evento (*event time*): momento da realização da ação expressa pelo verbo, também conhecido pelos linguistas como Momento do evento (ME);
- Ponto da Fala (*speech time*): momento da enunciação, também conhecido como Momento da Fala (MF);
- Ponto de Referência (*reference time*): perspectiva temporal que o falante transmite ao ouvinte, também conhecido como Momento da Referência (MR).

Basso (2007, p.7) comenta os pontos reichenbachianos e diz que este sistema é um arranjo topológico com a função de localizar os vários eventos com relação a pelo menos um momento, o MF (tomado como termo a *quo*). Se estamos no horizonte de um arranjo topológico cujo ponto de partida é o MF, então estamos imersos em um domínio de relações dêiticas. É a partir daqui que eventos dêíticos opõem-se a eventos não-dêíticos (ou seja, é possível distinguir tempo e aspecto). Tal diferença é salientada porque os eventos não-dêíticos não localizam (topologicamente) os eventos em um esquema de incidência ou em uma “seta do tempo” que indica presente, passado e futuro, mas sim os descrevem internamente. Por exemplo, sobre a referência temporal diremos que, se pensarmos em uma seta do tempo e o momento de fala, um dado evento será colocado na seta antes do (no passado), depois do (no futuro), ou concomitantemente ao momento de fala (no presente); por seu turno o aspecto diz se esse dado evento, por exemplo, tem ou não seu limite à direita fechado (evento não continua) ou aberto (evento continua). Assim, o componente dêítico localiza o evento e o aspecto o descreve.

Ancorada nesse modelo, Corôa (2005) define os valores dos tempos verbais, procurando atribuir a cada tempo verbal do PB uma definição única e não-ambígua. Suas representações não analisam a interação verbo/adjunto temporal, nem o uso de auxiliares na expressão do tempo, focando apenas na interpretação fornecida pelo morfema têmporo-aspectual do verbo. Partindo dos três pontos temporais de Reichenbach- que ela denomina momentos do evento (ME), da fala (MF) e da referência (MR) – tenta verificar quais deles estão gramaticalizados no PB, admitindo graus diferentes de abstração para os momentos. Dessa forma, podemos considerar que a localização dos momentos já está contida nos morfemas flexionais

isolados. A autora apresenta as seguintes definições para os tempos do indicativo em PB (as vírgulas indicam simultaneidade e os hífens indicam a anterioridade):

Presente: ME, MF, MR

Imperfeito: ME, MR – MF

Perfeito: ME – MR, MF

Mais-Que-Perfeito: ME - MR - MF

Futuro do Presente: MR, MF - ME

Futuro do Pretérito: MR - MF - ME

Futuro do Presente Composto: MF - ME - MR

Vejamos alguns exemplos³², de acordo com ela, dos momentos representados pelos tempos verbais para a fórmula do Presente (ME, MF, MR):

17. a. Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.
- b. A terra gira em torno do sol.
- c. Carlinhos trabalha no IBC.

Em (17.a) ocorre o presente gnômico, característica de provérbios, indicando que ocorre algo não no exato momento da fala, mas se insere numa proposição que, por algum tipo de acordo social, é verdadeira. Neste caso, ME coincide praticamente com MR, fazendo a fórmula ME, MF, MR. Em (17.b) a ideia de que a terra gira em torno do sol parece se estender na linha do infinito, dando ao ME simultaneidade com alguns momentos que fazem parte do MR. Pela mesma razão se insere, nesse contexto, o MF gerando a mesma fórmula de (17.a). Em (17.c) ocorre a ligação com o presente, pois descreve um hábito e algo que ocorre no momento da enunciação. Essa frase sempre será verdadeira mesmo que, neste momento, Carlinhos esteja dando um banho no gato, voltando da padaria, no caminho para o trabalho etc. Neste caso, o MR é estendido ou diminuído de acordo com a situação e esta sentença será verdadeira até o dia em que Carlinhos deixe de trabalhar no IBC,

³² Exemplos em Corôa (2005, p. 45).

independe das ações dele. Portanto, (17.c) obedece à mesma fórmula que as demais. Vejamos agora alguns exemplos com as fórmulas do Passado:

- 18. a. Eu tinha escrito a carta quando ele me telefonou. (ME - MR – MF)
- b. Eu (já) escrevera a carta quando ele me telefonou. (ME - MR – MF)
- c. Maria diz: “José chegou”. (ME – MR, MF)
- d. Maria disse que José tinha chegado (chegara). (ME - MR – MF)
- e. Carlinhos trabalhava no IBC. (ME, MR – MF)
- f. Carlinhos trabalhava no IBC quando viajou. (ME, MR – MF)

Tanto em (18.a) como em (18.b) o evento de “escrever a carta” precede não só o MF como o outro evento mencionado, “telefonar”. Aqui o MR se torna mais concreto por se identificar com o momento de outro evento. O que caracteriza o mais-que-perfeito é que nele o MR é indiscutível e frequentemente se materializa na própria oração. Em (18.c) o perfeito é representado porque ME e o evento “dizer-MR- não é mais simultâneo ao MF, mas anterior; já a chegada de José é anterior ao evento “dizer”. Tanto em (18.c) quanto em (18.d) a relação mútua dos três momentos fica em evidência, com a diferença de que (18.d) está no mais-que-perfeito. Em (18.e) a referência da sentença está no passado (imperfeito), então o presente não coloca limites posteriores no evento; também o imperfeito não limita o evento transcorrido (ou transcorrendo) no passado, não o força a acabar antes do MF. Não acontece a implicação do cessamento do evento, neste caso. A ideia de evento não-limitado fica realçada em uma sentença onde ocorrem os dois tipos de pretérito. Se o caso fosse como em (18.f) haveriam dois eventos: “Carlinhos trabalhar” e “Carlinhos viajar”. O momento em que o segundo evento ocorre está contido no conjunto em que ocorre o primeiro, mas não pode acontecer o oposto. Ou seja, Carlinhos já trabalhava no IBC quando viajou. Não há limites do primeiro evento, mas há limites do segundo, pois ele só começa por causa do primeiro evento.

- 19. a. O garoto virá mais cedo. (MR, MF – ME)
- b. O garoto viria mais cedo. (MR – MF – ME)
- c. Telefone-me amanhã que já terei lido sua proposta. (MF – ME – MR)

Em (19.a) há a expressão do evento que se realiza em um tempo diferente do tempo de MF. Neste caso, em um tempo que virá- visto de uma perspectiva do MF. De maneira paralela a um evento completamente acabado no perfeito, (19.a) mostra um evento ainda não começado, cujo ponto de referência é simultâneo ao MF. Em (19.b) o evento que ainda não ocorreu era previsto em um tempo antes do MF. Ou seja, a vinda do garoto foi vista como futura em algum momento que precede o MF. Assim, o MR estaria antes do MF. Em (19.c) o momento do evento “telefonar”, que funciona como ponto de referência para o evento “ler sua proposta” está claramente em uma posição posterior ao evento no futuro.

Corroboramos com Barbosa (2007, p. 53) ao observar que Corôa atribui simultaneidade a MF nos chamados tempos absolutos, que são o Presente, o Perfeito e o Futuro do Presente. Ainda afirma que tal formulação é aplicável ao Perfeito porque se contempla o resultado do evento e o sistema de referência se aproxima, então, do momento da fala: expressa-se um fato já ocorrido visto a partir do momento da enunciação tendo-se como referência algo “atual”, pois o resultado é, no perfeito, muitas vezes mais importante que o próprio evento”. Daí resulta também a distinção temporal entre Perfeito e Imperfeito, pois neste último o evento é visto da perspectiva passada. No imperfeito há uma perspectiva também passada, para contemplar o evento na sua ocorrência. O que se transmite com o uso do imperfeito é uma ótica do evento a partir do próprio momento do evento, e não de seus fins, resultados ou consequências. O ME e o MR, portanto, são simultâneos.

Outra observação feita por Barbosa (2007, p.61), é que no Futuro do Presente MF é simultâneo a MR porque o evento é visto da perspectiva do MF, embora se realize posteriormente. Na definição do Futuro do Pretérito, ME é posterior a MF porque o evento é previsto como futuro a partir de uma perspectiva passada; como essa possibilidade é contemplada a partir de um sistema de referência que se coloca antes da enunciação, MR é anterior a MF. Finalmente, considerando que os momentos são conjuntos de pontos ou intervalos de tempo, a autora afirma que não é preciso haver coincidência extensional entre ME, MR e MF para que os consideremos simultâneos; basta que haja um ponto de coincidência. Por exemplo, nos casos de presente histórico ou dramático o MR se amplia, deslocando-se para o

passado e “abrangendo-o de tal modo que tanto o MF como o ME se incluem no MR. (...) ME e MF não têm necessariamente pontos em comum, mas ambos o têm com o MR” Idem, (p.47). Ou seja, o ME é simultâneo a MR e MF, também.

Apesar de Corôa (2005) explicar as relações entre os momentos de maneira satisfatória, a proposta da autora não admite a interação verbo/adjunto temporal, nem o uso de auxiliares na expressão do tempo, fazendo com que não adotemos esta proposta, pois aceitamos que alguns advérbios têm participação direta na interpretação aspectual das sentenças e se ignorarmos esse fato fica bem mais complicado entender a distinção entre tempo e aspecto. Retomamos a sentença “Carlinhos trabalhava no IBC quando viajou” para tornar mais clara nossa observação. Se o primeiro evento (Carlinhos trabalhava no IBC) não possui delimitação por natureza, podemos entender que este evento é um processo (evento atélico), medido mereologicamente (trabalho + trabalho = trabalhar), enquanto o segundo evento (quando viajou) é um processo culminado (evento télico) porque o evento de “viajar” teve uma duração que tendeu para um fim, ou seja, a viagem aconteceu enquanto Carlinhos trabalhava no IBC. Para nossa compreensão das situações descritas na sentença não é suficiente saber que esta situação ocorreu no passado apenas porque achamos necessário entender como os dois eventos ocorreram. Neste sentido, optamos por uma interpretação que também explique as relações dos momentos e do tempo nas sentenças e, por esta razão, chamaremos Oliveira (2003) para nossa discussão.

“O tempo é concebido como uma ordenação linear de unidades temporais atômicas (instantes) ou densas (intervalos) que se podem suceder ou sobrepor”. (Oliveira, 2003, p. 129). Tem em comum com o aspecto o fato de ambos poderem operar com o conceito de intervalo, por outro lado alguns advérbios podem funcionar como aspectuais ou temporais, fazendo com que, em algumas sentenças, a informação aspectual seja comprometida. Haja vista a sentença “Rui trabalhou durante (toda) a manhã”, onde há uma delimitação da situação apenas, já na sentença fosse “O Rui chegou durante a manhã” ocorre uma localização. Em contrapartida, as sentenças “O Rui pratica alpinismo” e “O Rui tem visitado a Joana” os tempos verbais localizam as situações descritas e também operam alterações

aspectuais, levando a considerar a prática do alpinismo um hábito, bem como a visita de Rui à Joana aconteceu diversas vezes.

Oliveira (2003) parte da concepção de que o estudo do tempo envolve uma ordenação de intervalos que localizam as situações. Para a localização do tempo, também baseado no modelo de pontos de Reichenbach (Event time, Speech time e Reference time), citados anteriormente, a autora estabelece três momentos: **ponto da fala (F)**, **ponto do evento (E)** e **ponto de referência (R)**. Vejamos as sentenças abaixo³³:

20.a. A Maria vive no Porto.

b. Pedro saiu.

c. O Pedro tinha saído quando a Maria telefonou.

Em (20.a), o tipo de predicado e o verbo atuam para que a situação descrita seja sobreposta ao tempo de fala, considerando que nesta sentença os três pontos coincidem. Em (20.b) o tempo do evento é anterior ao momento da fala porque a saída de Pedro ocorreu no passado. Já em (20.c) as situações descritas nas duas orações são anteriores ao momento da fala, mas a saída de Pedro também é anterior ao telefonema de Maria. Nesta última sentença a oração temporal funciona como ponto de referência. Vejamos como esses exemplos podem ser representados em um diagrama:

Presente



E,R,E

A Maria vive no Porto

Pretérito perfeito simples



E,R F

Pedro saiu

Mais-que-perfeito composto



E R F

O Pedro tinha saído quando a Maria telefonou

³³ Os exemplos em (19) e (20) são de Oliveira (2003, p. 127-178).

O tempo também pode expressar relações **dêiticas**- quando estabelecem relação direta com os elementos extralinguísticos, e relações **anafóricas**- quando relacionado a outros elementos linguísticos. Vejamos alguns exemplos³⁴:

21.a A Maria partiu ontem.

b. Antes de escrever a carta, o Rui telefonou à Ana.

c. O Rui disse à Ana que tinha conversado com o pianista quando este chegou ao auditório.

Em (21.a) a relação do tempo com o advérbio mostra que a ação, além de ter acontecido no passado, ocorreu no dia anterior ao momento da enunciação. Isto mostra que nessa sentença há uma relação dêitica. Em (21.b) estabelece-se uma relação entre “telefonar” e “escrever a carta” que, por causa do conector temporal “antes de”, transmite a informação de que a situação descrita na segunda oração teve lugar anteriormente à situação da primeira oração. Uma vez que “telefonou à Ana” é passado em relação ao momento da enunciação, uma interpretação possível é de que “escrever a carta” também ocorreu no passado. Em (21.c) há várias relações temporais. Primeiramente é bom destacar que todas as situações descritas pelas frases são de um tempo passado em relação à enunciação. Segundo, a situação descrita por “tinha conversado com o pianista quando este chegou ao auditório” ocorre antes da oração principal. Por último, a oração temporal descreve uma situação também anterior a “tinha conversado com o pianista”. Todos estes casos tratam da anáfora temporal. Vamos falar um pouco mais sobre anáfora.

Anáfora, do grego *anaphorà*, é a operação que permite a retomada de algum elemento já identificado anteriormente no texto, sendo realizada pela omissão ou redução desse item. De acordo com Perini (2010, p.181) vejamos alguns exemplos e situações onde aparece esse fenômeno:

22. a. O velho resolveu fechar a loja

b. A Sheila descobriu que eu odeio ela

³⁴ Os exemplos em (21) são de Perini (2010, p. 181).

no caso de (22.a) não só compreendemos a ação de “resolver”, mas também a consequência dessa ação que implica no fechamento da loja. Os dois verbos “resolver” e “fechar” têm o mesmo sujeito. Já no caso de (22.b) o pronome “ela” faz referência à Sheila que, por sua vez, sabe do meu sentimento negativo por ela. Nestes dois exemplos ocorreu a recuperação de um item semântico com base em um sintagma presente na sentença, no caso o **antecedente**. Na sentença (22.a) ocorreu um caso de **elipse**, ou seja, a omissão de um termo que é incluído na sentença quando acontece a interpretação semântica, neste caso subtemos que ele está lá apesar de não estar explícito na frase. Já em (22.b) ocorre a **pronominalização**, ou seja, o uso de um pronome que remete a um antecedente explícito na frase, no caso “ela”. Por seu turno, a **dêixis** recupera os elementos omitidos ou reduzidos nas sentenças por meio do contexto situacional (extralinguístico). Vejamos o exemplo³⁵:

22.c. Ela me odeia

Se, no ato da fala, “eu” (que representa o me) apontar para “ela” fica claro que a pessoa quem odeia é “ela”. Dessa forma, os mesmos elementos linguísticos são responsáveis pela marcação da anáfora e da dêixis, com a diferença que a anáfora não se utiliza do campo extralinguístico, enquanto a dêixis apela para o referente, ou seja, marca o dia em que o enunciado foi pronunciado. Esse tipo de contexto não é usado pela anáfora. Neste caso, podemos dizer que este é um fenômeno típico de marcação do tempo.

Devemos pensar no tempo não apenas como uma forma de fixar cronologicamente os estados dos seres, objetos e coisas, situando-os num tempo real, mensurável pelo relógio, descrito em termos de tempo simultâneo ao ponto da fala (presente), tempo anterior ao ponto da fala (passado) ou tempo posterior ao ponto da fala (futuro), mas também como uma forma de deslocamento independente pela linha do tempo, quer seja para ir para um tempo imaginário, além de qualquer

³⁵ Idem (p. 182).

marcação cronológica, quer seja num domínio vago, genérico, atemporal. Há possibilidade dominar a situação e o tempo. Quando a descrição das coisas coincide com o tempo cronológico, então podemos dizer que há uma preocupação em marcar o **tempo real**, como, por exemplo na sentença “Ela me odeia”; quando a descrição das coisas é marcada num espaço de tempo imaginário que não coincide com o tempo real, podemos chamar esse tempo de **fictício** e um exemplo desse tempo é a sentença “Quando sai, vê que chovia”; há um deslocamento para o domínio do vago, impreciso e que não coincide com o tempo real, podemos dizer que essa marcação é **atemporal**, como na sentença “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”.

Antes de assumirmos um posicionamento em relação à definição de aspecto, destacamos algumas informações a respeito deste fenômeno. O aspecto, contraposto ao tempo, é um fenômeno não-dêitico, pois não leva em consideração o desenvolvimento externo de uma situação, ou seja, os elementos linguísticos que indicam lugar (aqui), tempo (agora) e os participantes de uma situação (eu/tu). Sendo assim, é de interesse do aspecto os elementos referentes ao desenvolvimento interno de uma situação, ou seja, a duração da situação. Neste sentido, localiza a situação dentro de um intervalo temporal em que ocorre o evento. Estas são as condições básicas necessárias para que o aspecto verbal se estabeleça nas sentenças.

1.3 Conclusão

Nossa intenção, ao iniciar esta etapa do trabalho, era discutir a respeito do aspecto verbal e a ligação deste fenômeno com o tempo para entender quais as condições para que o aspecto se realizasse. A partir das definições de tempo e aspecto de Castilho (1968), Travaglia (1981) e Oliveira (2003), acreditamos que os dois fenômenos são, geralmente, confundidos porque em PB o verbo é o responsável pela marcação temporal e aspectual das sentenças. Segundo Ilari

(1997, p. 11) “a palavra tempo cria uma confusão indesejável entre dois planos da descrição que convém manter distintos: o da linguagem, onde se trata de morfemas, palavras e construções gramaticais, e do mundo onde se registram fatos com determinadas relações cronológicas.” Desta forma, destacamos a dificuldade de identificar a questão do tempo nas sentenças do PB, mas há maneiras de saber quando fazer essa distinção, uma vez que os próprios adjuntos e perífrases verbais são responsáveis pela identificação do tempo mencionado em determinadas sentenças, haja vista o exemplo “Quando cheguei, ela olhava pelo buraco da fechadura” que pode ser interpretado, pelo ponto de vista temporal, como apresentando o verbo “olhava” no pretérito imperfeito e pelo ponto de vista aspectual como sendo imperfectivo.

Uma dessas formas é pela relação entre telicidade e atelicidade que influenciam para a compreensão dos aspectos perfectivo e imperfectivo, uma vez que os advérbios durativos + verbos atélicos confirmam a imperfectividade destes e advérbios pontuais + verbos atélicos especificam uma imperfectividade inceptiva. Combinados com verbos télicos confirmam a perfectividade. Saber noções de perfectividade e imperfectividade ajuda a discernir as situações como estando no aspecto perfectivo e não no pretérito perfeito. Logo, o verbo não é o único portador da informação aspectual.

Também, mencionamos o fato do tempo estar ligado à dêixis e o aspecto não. Conseqüentemente, vimos que o tempo remete a situações externas enquanto o aspecto remete ao desenvolvimento interno de uma situação. Ainda, tempo é uma propriedade da predicação cuja interpretação tem de ser remetida à situação de fala.

Neste sentido, entendemos que o tempo se preocupa em marcar, de forma dêitica, quando determinadas situações aconteceram e, por esta razão, há determinados fenômenos, tais como a anáfora e os pontos reichenbachianos que auxiliam na localização temporal e são essenciais para a nossa compreensão do “quando” e “onde” determinada situação aconteceu. Por outro lado, o aspecto verbal se preocupará em “como” determinada situação aconteceu e o “quanto” ela se prolongou. Grosso modo, poderíamos pensar que o tempo se preocupa com o “quando” e o aspecto com o “como” das situações. Diante disto, caberia uma pergunta aqui: “Como o aspecto verbal se realiza em sentenças do Português

brasileiro?”. Para refletir sobre esse ponto, nosso próximo passo será expor o quadro aspectual do PB na visão de Castilho (1968) e Travaglia (1981) e posteriormente comentar sobre as vantagens e desvantagens de cada modelo adotado.

2. NOÇÕES DE ASPECTO

Agora faremos uma breve exposição dos quadros aspectuais lançados por Castilho (1968) e Travaglia (1981) para fundamentar a discussão em torno de como o aspecto se realiza.

2.1 Castilho (1968)

“Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa”, 1968, de Castilho, é um dos estudos pioneiros no que se refere ao tratamento aspectual em

PB. Em sua pesquisa, por meio de uma interpretação lexical e morfossintática, o pesquisador fornece argumentos para considerarmos que os elementos geradores da noção aspectual são a flexão temporal, as perífrases, os sufixos, os adjuntos adverbiais, o complemento do verbo e os tipos oracionais. Para facilitar as interpretações nas sentenças, ele dividiu os verbos em duas classes semântica: verbos télicos, cuja a ação tende para um fim, e verbos atélicos, cuja a ação não tende para um fim. Os corpora surgiram por meio de textos escritos e dados de fala colhidos em conversas aleatórias.

Segundo o autor “O aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento. É pois, a representação espacial do processo”. (CASTILHO, 1968, p.14). O quadro aspectual desenvolvido por ele compõe-se de quatro valores (duração, complemento, repetição e negação da duração e do complemento) que representam quatro aspectos principais (imperfectivo, perfectivo, iterativo e indeterminado). O quadro abaixo foi desenvolvido pelo autor para representar os valores e os aspectos envolvidos:

Quadro 1- valores e aspectos

VALOR	ASPECTO
Duração	Imperfectivo - Inceptivo - Cursivo - Terminativo
Complemento	Perfectivo - Pontual - Resultativo - Cessativo
Repetição	Iterativo - Iterativo imperfectivo - Iterativo perfectivo
Negação da duração e do complemento	Indeterminado

Fonte: Castilho, 1968.

Agora discutiremos sobre os valores aspectuais e os aspectos correspondentes de acordo com o quadro de Castilho.

A duração surge a partir do aspecto imperfectivo, que por sua vez se divide em: Inceptivo, Cursivo e Terminativo. A duração pode se apresentar das seguintes formas:

- a) duração de que se conhecem claramente os primeiros momentos, pressentindo-se o seguimento do processo, correspondendo ao aspecto imperfectivo inceptivo;
- b) duração de que não se reconhece o princípio nem o fim, apresentando-se o processo em seu pleno desenvolvimento, correspondendo ao aspecto imperfectivo cursivo;
- c) duração de que se conhece o término, correspondendo ao aspecto terminativo.

A duração que indica claramente os primeiros momentos da ação corresponde ao aspecto **imperfectivo inceptivo**. Há duas modalidades de inceptivo: o inceptivo propriamente dito e o incoativo. Quando se quer referir o começo puro e simples da ação acontece o inceptivo propriamente dito, já inceptivo incoativo trata do começo seguido de mudança de estado. Podem ser expressos pelo semantema dos seguintes verbos: “começar, encetar, principiar”; como o aspecto decorre do semantema, não importa o tempo ou forma nominal em que venha conjugado o verbo. Vejamos alguns exemplos³⁶:

23. a. “**Começa** aí nesses primeiros meses invernosos de 22, a sua época de rapariga solteira”.

b. “Entrarão para o exame dez questões, **principiando** pelo que foi lecionado em agosto”.

As perífrases que podem indicar inceptividade (o começo da ação) decorrem: a) do semantema do verbo auxiliar; b) do todo formado pelo verbo auxiliar + verbo

³⁶Castilho (1968, p.62).

principal, que em ambas as situações pode vir no infinitivo ou no gerúndio. Essas perífrases são³⁷:

a) *começar, principiar + infinitivo*:

c. “Estou a escrever na madrugada e **começo a sentir-me** fatigado”.

d. “Na sua voz irradiante **começou logo a contar** uma complicada história familiar, atravessada de traições, de direitos e de deveres”.

e. “**Começou-se** de repente **a falar** em salvaguarda do ‘poder civil’”.

f. “**Principiou a falar** pausadamente, depois agitou-se, parecia louco”.

b) *passar a pôr-se a, pop.(a) garrar-a, dar- (se) a/para/em, deitar a, cair a, romper a, desatar a, entrar a, arc. filhar, pegara, pop. despejar a, desandar a + infinitivo ou gerúndio*, em alguns casos. Exemplos³⁸:

g. “**Passou** assim a família **a viver** os invernos e as primaveras em Lisboa”.

h. “Depois, **pus-me a percorrer** as lojas, afim de comprar um presente para Carlota”.

i. “Pedro não viu nada, **garrou a ficar** com dó da velha ()”.

- O aspecto inceptivo incoativo representa o começo da ação a que se segue uma mudança de estado. Dois sufixos diferem o inceptivo do incoativo, são eles³⁹:

a) *–ecer*:

24. a. “Mas um dia () a casa do velho **amanheceu** em polvorosa”.

b. “A conciliação **empequeneceu** muitos líderes e não foi feita para o benefício do país ()”.

³⁷ Todos os exemplos estão em Castilho (1968, p. 63).

³⁸ Idem (p. 64).

³⁹ Idem (p. 68-69).

Se o verbo *-ecer* formar perífrase com o auxiliar *ir*, então formam-se os valores de incoação e progressão e o verbo *-ejar*:

c. “A mata **ia enegrecendo...**”.

e. “Ignorava, mas envelhecida e **fraquejava**”

f. “Estava deliciosamente bela, os morros **palejavam** de luar e o espaço morria de silêncio”.

Os adjuntos adverbiais de tempo também influenciam na inceptividade. Exemplos⁴⁰:

g. “**Agora**, ao lado de Bianca, **notava** que a italianinha () viera para o encontro com a alma diferente”.

h. “**De repente**, na tarde ensolarada, **corre** inquieto de um lado para outro, um pedaço de língua de fora.

Observando os exemplos anteriores, o semantema não é o único responsável pela ocorrência do inceptivo, mas também é marcante a presença das perífrases verbais no infinitivo e no gerúndio, favorecendo a ocorrência da inceptividade do verbo. Alguns adjuntos adverbiais também colaboram para que isso aconteça. A diferença entre o inceptivo e o incoativo se dá por meio de alguns sufixos verbais que marcam a mudança de estado, no segundo caso, tão logo esta ação é iniciada.

O **cursivo** é o aspecto imperfectivo por excelência, indicando a duração de que se ignoram os limites. A ação é apanhada em seu pleno desenvolvimento, inexistindo preocupações em torno do princípio ou do fim do processo. Comporta dois matizes: cursivo propriamente dito e o cursivo progressivo.

⁴⁰ Idem (p. 67).

- O cursivo propriamente dito pode ser apresentado pelo semantema dos seguintes verbos: *preocupar, prosseguir, enganar, andar, falar, demorar*. Exemplos⁴¹:

25.a. “**Escrevo** às duas da manhã”.

b. “Eu sei a vida de perdição que **levas**, Rafael”.

c. “Rafael ali **quedou** em suspenso, de olhos no rio, sem pensar que pensava”.

Há possibilidade de ampliar ou restringir a duração pela repetição do verbo ou usando conjunções ou adjuntos adverbiais. Exemplos⁴² :

a) ampliação da duração:

d. “Sebastião, **anda, anda** e vai para a Pedra Bonita”.

e. “**Esperou, esperou** que viesse um filho”.

f. “E **foram que foram, andaram que andaram** e chegaram na casa do pai de S. Francisco de Assis”.

g. “À noite, chamou a pequena e **teve-a muito tempo apertada** contra si”.

b) restrição da duração⁴³:

i. “**Escutei uma hora**, desejoso de instruir-me”.

j. “**Amei Ninette 24horas**”.

l. “**Pensei por um momento** que ela ia olhar”.

Neste ponto, a flexão do verbo, em sua maioria no passado (imperfeito e perfeito), foi a maior responsável pela ocorrência do aspecto imperfectivo cursivo⁴⁴.

⁴¹ Idem (p. 70).

⁴² Idem (p. 72)

⁴³ Idem (p. 72).

⁴⁴ Aqui é necessário um esclarecimento sobre a pesquisa quantitativa das sentenças analisadas no estudo de Castilho e que pode esclarecer a confusão estabelecida entre pretérito perfeito e aspecto perfectivo e pretérito imperfeito e aspecto imperfectivo. Segundo ele “Notamos aqui a presença

- O cursivo progressivo indica uma duração que implica numa aceleração ou gradação do processo; pode ser expresso por semantemas verbais, tais como: *estreitar*, *aumentar*, *diminuir*, *multiplicar*, *denegrir*, etc. Exemplos⁴⁵:

26. a. “A amizade entre os dois políticos **estreitava-se**, e disto alguns tiraram o melhor proveito”.

b. “E ia para diante, o comércio crescia e as construções **aumentavam**”.

Alguns adjuntos adverbiais podem reforçar o carácter cursivo progressivo do semantema verbal, como nos exemplos a seguir⁴⁶:

c. “Segue a ‘Macau’ entre as suas margens que **pouco a pouco se estreitam**”.

d. “Escreveu com acerto José Maria dos Santos que a administração pública **cada vez mais se reduzia** a vasta cultura de interesses privados”.

A flexão temporal também aumenta este valor, como nos exemplos seguintes⁴⁷:

e. “O cavalo de onde eu caíra esperava-me junto ao rio. Montei-o e voei pelas encostas que a sombra já **invadia**” (= ia invadindo).

fortemente marcada dos tempos do passado, que em conjunto concorreram de modo enfático para a alteração da tendência aspectual do verbo; constatamos a seguinte relação numérica: imperfeito (31casos), pretérito (18casos), perfeito (17casos) e mais-que-perfeito (1caso), num total de 67; seguem-se o presente (31casos; e o futuro perfeito (1caso). Dentre os tempos do passado, o imperfeito mostrou-se o mais versátil, pois concorreu para a indicação do imperfectivo cursivo e progressivo, do perfectivo cessativo, do iterativo e do aspecto indeterminado. Lembre-se por fim, que os contrastes aspectuais mais marcantes se encontram entre os tempos do passado: fiz/fazia, fiz/tenho feito” (CASTILHO, 1968, p.109).

⁴⁵ Idem (p. 76)..

⁴⁶ Idem (p. 76).

⁴⁷ Idem (p. 76).

As perífrases (*ir* e *vir* + gerúndio) trazem a progressividade, ou mesmo os sufixos *-ecer*, pois a noção de mudança de estado típica dos verbos incoativos implica também numa gradação. Exemplos⁴⁸:

f. “Realmente não latia: uivava baixinho e os uivos **iam diminuindo**, tornavam-se quase imperceptíveis”.

g. “Um grito de sirene **veio crescendo** de longe”.

Neste caso, semantema verbal, os adjuntos adverbiais e a flexão temporal (verbo no passado, como perfeito e imperfeito) reforçaram o caráter cursivo do verbo e as perífrases verbais são responsáveis por marcar a progressividade.

A duração progressiva pode ainda ser expressa pelos seguintes adjuntos adverbiais: *aos poucos*, *pouco a pouco*, *a pouco e pouco*, *pouco e pouco*, *lentamente*, *vagarosamente*, *gradualmente*, *progressivamente*, *paulatinamente*, *desmesuradamente*, *à medida que mais mais*, *mais e mais*, *quanto mais mais*. Exemplos⁴⁹:

27. a. “A imagem de Maria de Lourdes **apagava-se aos poucos** no pensamento de Paulo Rigger”.

b. “Ou, talvez, o cérebro **vá se adaptando aos poucos**, até voltar ao normal”.

É importante destacar que, observando os exemplos citados, o pretérito imperfeito complementou a indicação do imperfectivo cursivo e progressivo. Conseqüentemente, a maior parte dos verbos que foram influenciados pela presença do pretérito imperfeito possuem uma realização semântica atélica⁵⁰. O

⁴⁸ Idem (p. 77).

⁴⁹ Idem (p. 78).

⁵⁰ Outra referência ao estudo quantitativo de Castilho é necessária neste ponto do trabalho para explicar a relação da imperfectividade com os verbos atélicos. Segundo o autor “Foi-nos possível comprovar um interessante mecanismo nas relações flexão temporal-semantema verbal; o imperfeito e o perfeito se conjugados com um verbo télico fazem-no iterativo; todavia, se conjugados com um verbo atélico confirmam-lhe a tendência aspectual. Este fato permite que se fale em tempos de

valor da imperfectividade aumentou devido ao semantema verbal, aos adjuntos adverbiais e às perífrases verbais auxiliadas pelo gerúndio.

- O imperfectivo terminativo acontece quando a ação termina após ter durado. Pode ser expresso por meio dos semantemas dos verbos como: *acabar, terminar, cessar*. Exemplos⁵¹:

28. a. “A fita **acabou** e não falamos no incidente”.

b. “**Terminada** a festa, retiraram-se os convidados”.

As perífrases que indicam término são as seguintes: *acabar, cessar, terminar, deixar de, vir + de + infinitivo de verbo atélico*, pois sendo télico, ocorre o aspecto perfectivo pontual. Exemplos⁵²:

c “Só de ‘ouvir dizer’, porque, como **acabo de contar**, nunca os vira juntos”.

d. “Não respondeu, **acabou de fumar** e sentou-se na cama”.

Adjuntos adverbiais podem atribuir ao verbo um valor de término que não decorre de seu valor semântico, como no exemplo⁵³: “Subitamente, os sábios descobriram segredos que os teólogos **até aquela data supunham** apenas pertencerem a Deus”.

O tipo oracional também influencia na duração do verbo, principalmente orações temporais introduzidas por *até que*, como no exemplo⁵⁴: “Como se nada houvesse

‘tendência aspectual’. Assim, o presente e o imperfeito (e uma forma nominal, o gerúndio) exprimem em geral a duração; o pretérito e o mais-que-perfeito, a pontualidade. Com efeito, não encontramos um só caso em que um presente ou um imperfeito tornassem pontual um verbo atélico; reciprocamente, o pretérito (155) e o mais-que-perfeito não podem tornar durativo um verbo télico, o que nos pareceu condição suficiente para dizer que os verbos manifestam uma tendência aspectual. (CASTILHO, 1968, p. 110).

⁵¹ Idem (p. 79).

⁵² Idem (p. 79-80).

⁵³ Idem (p. 80).

⁵⁴ Idem (p. 80).

acontecido, **prosseguiu andando**, descuidado **até que** encontramos Mano, despido da cintura para cima, lutando com a terra”.

O valor da duração está relacionado ao aspecto imperfectivo (inceptivo, cursivo e terminativo) e esta duração se estabelece por meio do semantema verbal e alguns auxiliares que condicionam a permanência dessa duração, tais como as perífrases e os adjuntos adverbiais. Agora vejamos o segundo valor e os aspectos relacionados a ele.

O segundo valor que faz parte deste quadro refere-se à noção do completamento, peculiar ao aspecto **perfectivo**. Implica na indicação precisa do começo e do fim do processo, polos estes separados por um lapso de tempo extremamente curto e não significativo. Pode ser subdividido em:

a) perfectivo pontual, o perfectivo por excelência, representado graficamente por um ponto (.);

b) perfectivo resultativo (—→): indica o resultado consequente ao acabamento da ação;

c) perfectivo cessativo: depreende-se da ação expressa pelo verbo uma noção de negação que se reporia ao presente.

- O perfectivo pontual indica o processo que é acabado tão logo começado. Pode ser expresso por meio do semantema de verbos télicos como: *partir, descobrir, apagar, fechar*, etc. Exemplos⁵⁵:

29. a. “**Tomo** o carro, **parto** para as férias”.

b. “**Descobre**, com amargura, que de agora em diante jamais será completo para com ela”.

Alguns adjuntos adverbiais também pontuam a ação, como nos exemplos⁵⁶:

⁵⁵ Idem (p. 81).

⁵⁶ Idem (p. 83).

c. “Se tudo quanto cresce –eu fico a pensar **apenas um momento alcança** a perfeição ()”.

d. “E imediatamente toda uma feira de janelas **se ilumina** no primeiro andar”.

No caso da flexão temporal, são marcadores de pontualidade, como pretérito perfeito, mais-que-perfeito e o futuro perfeito⁵⁷:

e. “De tanto te despiu a privação/ que se **escapou** de teu peito a viração”.
(pretérito perfeito)

f. “A ingratidão **embranquecera-o**”. (mais-que-perfeito)

g. “Às três horas você já **terá estudado** seu papel”. (futuro perfeito)

Considerando apenas os casos em que as sentenças possuem mais de um verbo e o verbo principal é télico, podemos assim esquematizar seus valores: “acaba de receber”/ “acabou de receber” aspecto pontual (e passado próximo); “acaba por receber” (futuro); “acabou por receber”: aspecto pontual (e passado remoto); “acaba recebendo” (futuro); “acabou recebendo”: aspecto pontual (e passado). Exemplos⁵⁸:

30. a. “**Acabou por vencer** a vontade firme do déspota caseiro”.

b. “Roberto **acabou concordando em vir conosco**”.

Também a voz passiva perifrástica com verbo *ser* pode indicar a ação-ponto, sendo télico o verbo, como nos exemplos⁵⁹:

c. “Chegou, entrementes o sorteio, e Norberto **foi apurado** para a artilharia”.

d. “O rapaz **ensurdeceu completamente**”.

⁵⁷ Idem (p. 84-85).

⁵⁸ Idem (85).

⁵⁹ Idem (p. 85-86).

e. “A casa **ficou toda borrifada**”.

- Quando acontece o completamento da ação ocorre o perfectivo resultativo. De um modo geral, os exemplos correspondem à perífrase *estar + particípio passado*, pois este é o tipo fundamental do aspecto resultativo. Dado seu caráter particular, não se encontram exemplos de tal aspecto expresso pelo semantema verbal, então vejamos alguns exemplos de perfectivo resultativo no pretérito e no perfeito (ter + objeto direto + particípio passado servindo inicialmente de predicativo a esse objeto). Exemplos⁶⁰:

f. “Quem morreu, **morreu**”. (pretérito)

g. “**Tenho** a lição **estudada**”. (ter + objeto direto + particípio passado = perfeito)

As perífrases *estar + particípio passado* expressam resultado, como no exemplo⁶¹: “Não precisa de visagem, mãe! A coisa se deu, **está dada**. Vim pra me despedir”.

O adjunto adverbial que exprime resultado: o advérbio *já* assume essa função quando marca nitidamente o completamento da ação de que decorre um resultado presente; o conjunto “*já + verbo*” pode ser substituído pela perífrase “*estar + particípio passado*”. Exemplos⁶²:

i. “**Já disse** e redisse que seriam tentados pela conjura os elementos ()”.

j. “Está fixando? **Já fixou**”.

l. “Os ventos, ou os passos de infinitos passantes **já removeram** a areia”.

⁶⁰ Idem (p. 86).

⁶¹ Idem (p. 88).

⁶² Idem (p. 89).

- O perfectivo cessativo implica a interrupção total do processo. O autor não exemplifica com adjuntos adverbiais. Pode ocorrer por meio da flexão temporal, tais como: pretérito e o imperfeito. Exemplos⁶³:

31. a. “Que tolice. É a casa que foi de seu bisavô. São coisas que **pertenceram** aos seus antepassados!”.

b. “A senhora não sente vergonha, mamãe?! () Vir à casa de um ex-colono comprar coisas que já nos **pertenceram**?”.

c. “(...) **Era**. Já não sou”.

A perífrase *estar + participio passado*, estando o auxiliar no pretérito. Exemplos⁶⁴:

e. “A Revolução **esteve perdida**”.

f. “A cidade **esteve ocupada**”.

A noção de completamento, contrária à noção de duração, está ligada ao aspecto perfectivo e todas as suas subdivisões (pontual, resultativo e cessativo). Para marcar a presença aspectual, além da flexão, em algumas situações também conta com a presença de perífrases verbais, adjuntos adverbiais e voz passiva perifrástica. Vejamos agora o terceiro valor aspectual.

Castilho relaciona o valor da repetição com o aspecto **iterativo**, que comporta ações durativas (aspecto iterativo imperfectivo) —| —| | —| | |), e pontuais (aspecto iterativo perfectivo:). Quando a repetição se faz inconsciente, acontece o hábito.

- Ocorre o iterativo imperfectivo por meio da flexão temporal dos verbos atélicos, no presente, no imperfeito, no perfeito e no gerúndio. Vejamos os exemplos abaixo⁶⁵:

⁶³ Idem (p. 90-91).

⁶⁴ Idem (p. 91).

32.a. “Pensa que pode penetrar no mundo das glândulas com a sem cerimônia com que **anda** no meio dos seus alfarrábios?”. (presente)

b. “D . Fausta **brigava** com o pai, era uma onça acuada, um gênio de fera”. (imperfeito)

c. “Você precisaria ouvir o que **tenho ouvido**”. (perfeito)

d. “Um Joca Barbeiro falando dele nas conversas da tamarineira, um juiz dizendo horrores um Lula, um maluco, **fazendo** mangação como padre no meio da rua”. (gerúndio)

Por meio das perífrases *costumar*, *habituar-se + infinitivo de verbo atélico*; *andar + gerúndio ou infinitivo e viver + gerúndio de verbo atélico*. Exemplos⁶⁶:

e. “**Costumo passear** às seis horas”.

f. “**Habituou-se a estudar** pela manhã”.

g. “Eu ainda não te contei, mas a Valda **anda fumando** uma coisa esquisita, eu também já senti aquele cheiro”.

Por meio de adjuntos adverbiais de natureza temporal, como nos exemplos a seguir⁶⁷:

h. “**Conversávamos amiúde** sobre o andamento dos negócios”.

i. “**Estendiam-se** no pinhal, **à hora quentinha do sol**, com boas mantas de agasalho ()”.

- O iterativo perfectivo pode ocorrer por meio da flexão temporal dos verbos télicos no presente, imperfeito, perfeito e gerúndio, como nos exemplos⁶⁸:

⁶⁵ Idem (p. 93).

⁶⁶ Idem (p. 94).

⁶⁷ Idem (p. 95).

⁶⁸ Idem (p. 96-97).

33. a. “O marido **entra, sai, acorda, levanta-se, lê** o jornal, **liga** a telefonia, **arrasta** a mulher a um cinema ()”. (presente)
- b. “A todos que me procuravam para informar-se sobre o que estava acontecendo **respondia** que de nada sabia()”. (imperfeito)
- c. “Por que vossa senhoria não **tem ido** ao meu encontro no parque, conforme o combinado?”, “A ele tudo **tenho sacrificado**()”. (perfeito)
- d. “Andou entre as barracas, emproado, **atirando** coisas no chão”. (gerúndio)

Também influenciam as perífrases: *andar, viver + gerúndio de verbo télico; ser de, soer + infinitivo de verbo télico*, de adjuntos adverbiais e pelo tipo oracional. Exemplos⁶⁹:

- e. “Nosso filólogo **andou falhando** no começo do ano ()”.
- f. “Há tempos, numa festa de igreja, **andava** a menino **bulindo** com as matutas”.
- g. Às vezes entrefechava os olhos, bem no nível do mar e vacilava, tão aguda era a visão()”.
- h. “**Detinha-me vez por outra**, para respirar o ar difícil, os pulmões doendo”.
- j. “Se uma mulher **canta**, ele **foge** logo”.
- l. “Os olhos de Constança **brilhavam** quando me **contava** a história dessa Ataíde...”,

Outros elementos que influenciam para que a repetição aconteça são caso do predicado composto ligado por *e* e dos sufixos *-ear* ou *-etear, -ejar, -itar, -ilhar* (fervilhar, dedilhar, polvilhar, cuspirhar), *-inhar* (cuspinhar, esquadrinhar, patinhar, caminhar, murmurinhar), *-iscar* (petiscar, chuviscar, lambiscar e lembiscar,

⁶⁹ Idem (p. 98).

namoriscar, mordiscar), *-icar* (cocoricar, corricar, namoricar, mordicar), *-ucar* (falucar, por falar). Exemplos⁷⁰:

34. a. “O menino mais velho, passada a primeira vertigem, () **adormecia e acordava**”.

b. “O garoto **cabeceava** de sono”.

c. “Para o fundo uma fonte **gotejava**”.

d. “Os pássaros **saltitavam**”.

A noção de repetição está relacionada ao aspecto iterativo, que comporta duas subdivisões: perfectivo e imperfectivo. Além das perífrases, dos adjuntos adverbiais e do predicado, a telicidade e a atelicidade dos verbos influencia para que tal aspecto apareça. Vejamos agora a última noção aspectual e os aspectos que ela relaciona.

A negação da duração e do complemento é um valor peculiar ao aspecto **indeterminado**, que caracteriza-se por ser avesso ao aspecto e ao tempo, não sendo afetado pelo perfectivo ou imperfectivo. Ou seja, as formas verbais não se atualizam pelo aspecto, sendo difícil sua determinação, por isso o nome indeterminado. Ocorre no presente gnômico, como nos exemplos⁷¹:

35. a. “A terra **gira** em torno do sol”.

b. “Os ângulos do triângulo **somam** cento e oitenta graus”.

Ao utilizar a indeterminação não há uma preocupação em marcar a duração, completamento ou repetição da ação, como nas sentenças abaixo⁷²:

c. “Uma semana **tem** sete dias”.

d. “E quem **dá** o que tem, a pedir **vem**” (ditado popular)

⁷⁰ Idem (p. 100-101).

⁷¹ Idem (103).

⁷² Idem (p. 103).

- e. “Será que esse bicho **morde?**” (presente de disposição virtual)
- f. “Agora é diferente...**casei**...” (pretérito)
- g. “Calcavam-me aos pés por nada. **Aprendi**” (tipo oracional)

Para uma compreensão de como o aspecto verbal pode se realizar nas sentenças, o autor identificou que os elementos geradores da noção aspectual são o semantema, a flexão temporal, o adjunto adverbial, a natureza semântica dos complementos e o tipo oracional. Destes, o que mais se evidenciou foi o semantema, por este motivo Castilho (1968, p. 115) diz: “() o aspecto Português é categoria tributária dos recursos lexicais da língua, uma vez que se fundamenta de modo mais generalizado no semantema dos verbos”.

Chamou atenção o fato de que a maioria dos verbos flexionados que influenciaram os valores aspectuais são verbos no passado, uma das razões para o autor atribuir as várias confusões entre tempo e aspecto “as categorias de tempo e aspecto não são exclusivas, coexistindo na mesma forma; assim, ‘dizia’ tanto pode indicar tempo passado quanto aspecto durativo” (Idem, p. 116). Neste sentido, há verbos cuja expressão aspectual é maior quando estão no passado. Também não se pode descartar o fato de que a telicidade e a atelicidade dos verbos também é um forte responsável pela realização aspectual. Dessa forma, *tempo* e *aspecto* não são categorias totalmente opostas, uma vez que um verbo pode indicar tempo e aspecto paralelamente. Também o fato de que o aspecto perfectivo e o imperfectivo possuem formas da flexão do passado (pretérito perfeito e imperfeito, respectivamente) em sua realização contribui para aumentar a aproximação das duas categorias em Português brasileiro.

Os exemplos acima demonstraram como o aspecto verbal pode se realizar em sentenças do PB e quais os elementos responsáveis pela realização do aspecto nas sentenças. Este estudo teve grande importância para a compreensão do aspecto verbal para esclarecer como este fenômeno se realiza no PB. Vamos agora analisar o quadro aspectual proposto por Travaglia.

2.2 Travaglia (1981)

É em “*O aspecto verbal no Português: a categoria e sua expressão*”, 1981, que Travaglia define o fenômeno: o aspecto é uma categoria verbal de TEMPO⁷³, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do complemento e o da realização, além de que trata da referência ou não à estrutura temporal interna de um fato. (TRAVAGLIA, 1981, p.33)

Para ele o aspecto se centra no verbo e é influenciado por elementos como o semantema verbal, flexões, os adjuntos adverbiais, o tipo oracional, as perífrases verbais, os complementos do verbo, as preposições, a repetição do verbo e a ênfase entonacional. As noções aspectuais básicas descritas por ele são duração/não-duração e as fases do desenvolvimento da ação.

O autor afirma que as noções aspectuais presentes nos verbos devem levar em consideração a duração da situação ou de suas fases. Para identificar as noções verdadeiramente aspectuais “é suficiente verificar se a noção semântica em questão é uma noção temporal não dêitica que indica duração da situação ou uma de suas fases, pois, caso contrário, não será uma noção aspectual”. (Travaglia, 1981, p. 35). Ou seja, a noção não-dêitica citada por ele trata do campo aspectual, enquanto a noção dêitica trata do campo do tempo. O quadro aspectual desenvolvido por Travaglia comporta duas noções aspectuais, duração e fases, que representam quatorze aspectos, sendo eles durativo, indeterminado, iterativo, habitual, pontual, não-começado, não-acabado ou começado, acabado, inceptivo, cursivo, terminativo, perfectivo, imperfectivo e aspecto não atualizado, vejamos como é representado:

Quadro 2: noções e aspectos

NOÇÕES ASPECTUAIS		ASPECTOS		
I.DURAÇÃO	1.Duração	A. Contínua	a. Limitada b. Ilimitada	DURATIVO INDETERMINADO
		B. Descontínua	a. Limitada b. Ilimitada	ITERATIVO HABITUAL
	2. Não-Duração ou Pontualidade			PONTUAL
	A. Por Começar			NÃO-COMEÇADO

⁷³ Grifos do autor.

II. FASES	1. Fases de Realização	A'. Preste a Começar (ao lado do aspecto há uma noção temporal)	
		B. Não-Acabado ou Começado	NÃO-ACABADO ou COMEÇADO
		C'. Acabado há pouco (ao lado do aspecto há uma noção temporal)	ACABADO
		C. Acabado	
	2. Fases de Desenvolvimento	A. Início (no ponto de início ou nos primeiros momentos)	INCEPTIVO
		B. Meio	CURSIVO
		C. Fim (no ponto de término ou nos últimos momentos)	TERMINATIVO
	3. Completamento	A. Completo	PERFECTIVO
		B. Incompleto	IMPERFECTIVO
	Ausência de noções aspectuais		

Fonte: Travaglia, 1981.

Essas noções são apresentadas da seguinte forma:

a) Duração: em oposição temos a não-duração ou pontualidade que é o caso da situação cujo início e término ocorrem no mesmo instante ou separados por um lapso de TEMPO curto, de tal forma que a situação é concebida como pontual. Pode ser referida de diferentes maneiras:

- limitada: quando se indica seu início (Ele **estava nadando** desde as 6 horas da manhã e Sílvia **limpava** a casa desde cedo e ainda não acabara, quando voltamos) ou seu fim (João **ficará estudando** até amanhã e Papai **estaria trabalhando** até as 20 horas) ou o valor da duração (Antônio **ouviu** música o dia todo), mesmo que essa duração não tenha nenhuma limitação explícita (**Estamos fazendo** um bolo para mamãe e Minha cabeça **tem doído** muito)⁷⁴;
- ilimitada: aparece normalmente em frases indicativas de situações “eternas” ou sentidas como tal numa dada época. É o caso dos provérbios (Os bons **serão** felizes na vida), máximas (A verdade não **envergonha** e

⁷⁴ Exemplos em Travaglia (1981, p. 36-37).

As almas condenadas **vaguearão** para sempre) e princípios científicos 9ª terra **gira** em torno do sol)⁷⁵.

- contínua: quando a situação é apresentada sem nenhuma interrupção no seu tempo de existência, de desenvolvimento (O clube **ficava** no topo da colina e Este cachorro **morde**)⁷⁶;
- descontínua: quando a situação é apresentada como sofrendo interrupções na sua duração, o que cria a ideia de repetição (iteração). Da ideia de repetição vem a caracterização que se dá desse fato, como representando uma coleção de situações. A repetição existe, então, porque existem interrupções no TEMPO de ocorrência de uma situação (D. Maria **passeia** todos os dias na praia, **Tenho pulado** corda para emagrecer e **Andamos assistindo** muito a televisão). Há três situações onde a repetição pode ser percebida como um hábito: a repetição (iteração) que se torna inconsciente e automática se torna um hábito; no hábito a repetição parece ser mais regular, constante, não havendo falhas nas repetições da situação; e na iteração simples (Minha cabeça **tem doído** muito e Você precisaria ouvir o que **tenho ouvido**) a duração descontínua é limitada, enquanto que na iteração habitual (**Compro** dele faz muito tempo e **Salto** de trampolim há anos)⁷⁷ a duração é ilimitada.

b) Fases: inicialmente temos fases da situação do ponto de vista da sua realização, que são três:

- A situação ainda não começou. Ela é apresentada como algo ainda por fazer, por ocorrer, por começar, embora haja ou tenha havido “intenção” ou “certeza”, de ela se realizar. Exemplos: “Pedro **está para**

⁷⁵ Idem (p. 37).

⁷⁶ Idem (p. 38).

⁷⁷ Idem (p. 38-39).

emoldurar o quadro”, “Seu irmão **está para chegar**” e “Este livro ficou **por ler**, pois não tive tempo”⁷⁸;

- Começada: a situação é apresentada como em realização. Esta fase pode ser tomada de dois ângulo diferentes: começada (se temos em mente opor a fase da situação em realização à fase em que ela é não começada) e não-acabada (se temos em mente a oposição com a fase em que a situação é acabada). Exemplos: “Os rapazes **continuam jogando** apesar da chuva”, “Mesmo percebendo notas de desagrado, o conferencista **prosseguia expondo** seu ponto de vista”⁷⁹;
- A situação já terminou: ela é apresentada como concluída, acabada, terminada. Exemplos: “Maria **leu** o livro” e “Pedro **pulara** o muro com facilidade”⁸⁰.

c) Fase do seu desenvolvimento: a partir do momento em que a fase entra em realização, são três:

- início: quando a noção é apresentada no seu ponto de início ou em seus momentos iniciais, ela também pode ser chamada de inepção ou inceptividade. Vejamos alguns exemplos: “Os marceneiros **estão começando a armar** o telhado” e “Neste instante os balões **começam a subir**”⁸¹;
- meio: a esta noção também podemos chamar de cursividade, quando a situação é apresentada em pleno desenvolvimento, ou seja, concebida como já tendo passado seus primeiros momentos sem atingir seus últimos momentos. Exemplos: “Jorge **continua falando**

⁷⁸ Idem (p. 42).

⁷⁹ Idem (p. 42).

⁸⁰ Idem (p. 43).

⁸¹ Idem (p. 43).

apesar do avançado da hora” e “**Estou lendo** um livro muito interessante”⁸²;

- fim: essa noção também pode ser chamada de terminatividade porque está relacionada ao término da situação. Essa noção se apresenta quando a situação é apresentada como estando em seu ponto de término ou em seus últimos momentos. Vejamos alguns exemplos: ‘Mamãe **terminou de bordar** minha blusa hoje ao meio dia” e “Espere um momento que **estou acabando de arrematar** seu vestido”⁸³.

d) Fase do completamento: essa fase comporta a situação como completa e como incompleta, portanto, comporta duas noções aspectuais. A situação é apresentada como completa, isto é, em sua totalidade, como um todo indivisível, com seu começo, meio e fim englobados num todo. Importante deixar claro que situação completa não é o mesmo que situação completada (totalmente concluída), pois pode acontecer de uma situação ser completa, mas sem qualquer indicação sobre se são ou não acabadas, e que situação completa e incompleta não são sinônimos de acabada e não-acabada, respectivamente. Vejamos alguns exemplos: “Célia **andou indo** ao cinema com Élio” e “Maria **ficou olhando** as fotos durante várias horas” (situação completa), “Os rapazes **continuam jogando** apesar da chuva” e “Mesmo percebendo notas de desgosto, o conferecionista **prosseguia explorando** seu ponto de vista” (situação incompleta). Pode acontecer de nenhuma dessas noções aspectuais ser atualizada pelo verbo, neste caso há uma referência à situação em si, sem atualizar a categoria do aspecto, como nos exemplos “Seu tio **almoçará** amanhã conosco”, “Talvez José **compre** o carro de você” e “**Varra** essa cozinha, menina!”⁸⁴.

Os aspectos atuam da seguinte forma:

⁸² Idem (p. 44).

⁸³ Idem (p. 44).

⁸⁴ Idem (p. 45).

- Durativo: é caracterizado por apresentar a situação como tendo duração **contínua limitada**. Exemplos⁸⁵:

36. a Ele **estava nadando** desde as 6 horas da manhã.
- b. O treinador do time **esteve** doente.
- c. Nossa amizade **estreitava-se**.
- d. O amor dos tios **foi transformando** aquela criança.
- e. João **ficará atendendo** as pessoas.

A forte presença do pretérito imperfeito do indicativo e do gerúndio nas sentenças acima caracterizam a marcação do aspecto durativo. Este ponto também foi observado em Castilho na seção anterior.

- Indeterminado: apresenta a situação como tendo **duração contínua ilimitada**⁸⁶. Para o autor o aspecto indeterminado tem a função de: a) apresentar verdades eternas ou tidas como tais, b) caracterizar seres ou coisas, c) definir seres e coisas. Exemplos⁸⁷:

37. a. Eu **trabalho** em uma loja de peças.
- b. Os ângulos internos dos triângulos **somam** 180 graus.
- c. Esta obra **apresenta** o homem feliz.
- d. Lâmpada- objeto que **serve** para iluminar.

⁸⁵ Idem (p. 80).

⁸⁶ A duração contínua ilimitada também foi observada por Castilho (1968, p. 56) “Há quem distinga duração limitada de duração ilimitada (aqui chamam aspecto ‘permansivo’); analogamente, há quem subdivida o verbo atélico em ‘determinado’ (= duração limitada, como em ler, ver) e ‘indeterminado’ (= duração ilimitada, como em *viver, pensar*).”

⁸⁷ Idem (p. 80-81).

Os verbos estão todos no presente para intensificar a presença do indeterminado. Note-se que a causa da indeterminação provém dos tipos de afirmativas feitas das sentenças.

- Iterativo: se caracteriza por apresentar a situação como tendo duração **descontínua limitada**. Para que o aspecto iterativo aconteça é preciso que a repetição criada pela duração descontínua limitada esteja marcada gramaticalmente. Exemplos⁸⁸:

38. a. Ela me **acenou** várias vezes.

b. Mariana não **escuta** jamais os conselhos que lhe dão.

c. Nem sempre o diretor **começa a atender** às oito horas.

d. A menina **saltitava** de alegria, quando entrei na sala.

e. Maria veio da cozinha **cuspinhando** para expulsar da boca o gosto amargo do remédio que tomara.

- Habitual: a habitualidade não é uma noção aspectual, mas sim a **duração descontínua ilimitada** de que ela resulta. Também pode ser usado para caracterizar seres ou coisas, como o Indeterminado, sendo distintos pela duração ser contínua ou descontínua. É caracterizado por apresentar várias realizações da mesma situação. Neste caso pode ser confundido com o iterativo, a distinção faz-se porque a habitualidade é marcada por um elemento adverbial. Exemplos⁸⁹:

39. a. Sempre que chegavam visitas, mamãe **fazia** biscoitos fritos.

b. Ele **usava fumar** após as refeições.

c. Todas as manhãs ela me **cumprimenta** com um sorriso.

d. Paulo **fuma** muito.

⁸⁸ Idem (p. 82-83).

⁸⁹ Idem (p. 84).

e. Sempre que chego em casa meu filho **está terminando de fazer** os deveres.

- Pontual: caracterizado por apresentar a situação como pontual, ou seja, como não tendo duração. Esse aspecto pode ser detectado pela possibilidade ou não da colocação na frase de um adjunto adverbial durativo. Se houver essa possibilidade é porque não há aspecto pontual marcado. Mas se a frase for marcada por um adjunto adverbial de tempo pontual é porque há abstração da duração. Exemplos⁹⁰:

40. a. Raulzinho **pega** a bola e **atira** para Roberto.

b. Caxias **ataca** o inimigo e **vence-o**.

c. Um dia Mariana **descobriu** o que podia fazer com o dinheiro.

d. **Achei** seu anel dentro da gaveta do criado.

e. Maria **conversou** comigo **por muito tempo**.

- Não- começado: se caracteriza por apresentar a situação na fase anterior ao início de sua realização, portanto como algo por começar. Uma forma de identificar este aspecto é por meio das perífrases ESTAR + PARA (ou POR) + INFINITIVO e FICAR + POR + INFINITIVO, etc. Para não confundir este aspecto com o futuro, segundo o autor, deve-se levar em conta o conhecimento do mundo real e se a frase do futuro tem marcado aspecto começado, como é o exemplo das duas últimas sentenças abaixo. Exemplos⁹¹:

41. a. Pedro **está para emoldurar** o quadro.

b. Este livro **ficou por ler**, pois não tive tempo.

c. A cozinha **está por limpar**.⁹²

⁹⁰ Idem (p. 86).

⁹¹ Idem (p. 89).

⁹² O autor observa que a perífrase “está por limpar” marcando a situação referencial apresenta aspectos imperfectivo, durativo, cursivo e não-acabado e que a situação narrada em “limpar” tem

d. O confeccionista **falará** até às 22 h e 30 min. (Ele pode já estar falando ou não de acordo com ao conhecimento do mundo real.)

e. **Estará chovendo** quando chegarmos ao Rio. (Aspecto começado)

- Não- acabado ou começado: se caracteriza por apresentar a situação já em sua realização, ou seja, após seu momento de início e antes de seu momento de término. Portanto, se a situação é apresentada em seus primeiros ou últimos momentos, também temos o aspecto começado ou não-acabado. Recebe dois nomes porque se opõe a dois outros aspectos numa posição intermediária. Exemplos⁹³:

42. a. Minha cabeça **tem doído** muito.

b. Os rapazes **continuam jogando** apesar da chuva.

c. **Estou lendo** um livro interessante.

d. José **está** doente.

e. Seus atos **vêm escandalizando** a todos.

- Acabado: se caracteriza por apresentar a situação após seu momento de término, portanto, como concluída, acabada, terminada. Muitas vezes a noção de acabado aparece sob a forma de cessamento, a exemplo das três últimas sentenças.

43. a. Maria **leu** o livro.

b. Quando eles voltarem, já terei **preparado** o lanche.

c. Só de ouvir dizer, porque, como **acabo de contar**, nunca os vira juntos.

d. O treinador do time **esteve doente**.

e. Eu já **soube** matemática muito bem.

aspecto não-acabado. Ou seja, se análise for feita sem a distinção entre a situação narrada e a situação referencial poderá haver um impasse com aspectos opostos, como é o caso do cursivo e o não-começado.

⁹³ Idem (p. 90).

- Inceptivo: se caracteriza por apresentar a situação em seu ponto de início ou em seus primeiros momentos. No segundo caso ele é mais perceptível.

44. a. Os marceneiros **estão começando a armar** o telhado.

b. Daniel **princiava a arrumar** a mala quando cheguei em sua casa hoje de manhã.

c. Jorge **começará a soltar** os fogos de artifício às 20 horas.

d. José **começou a falar** na segunda aula.

e. Estou escrevendo há dois dias e **começo a sentir-me** fatigado.

- Cursivo: se caracteriza por apresentar a situação em pleno desenvolvimento, ou seja, concebida como já tendo passado seus primeiros momentos ainda não tendo atingido seus últimos momentos. A situação é apresentada na fase do meio de seu desenvolvimento. Exemplos⁹⁴:

45. a. **Tenho** a lição **estudada**.

b. Quando chegamos à fazenda o cafezal **estava destruído**.

c. Irene **sabe** matemática muito bem.

d. Minha cabeça **tem doído** muito.

e. Célia **anda limpando** a casa para mim.

O cursivo é caracterizado pelo verbo no presente e no gerúndio auxiliando o particípio passado. Pode aparecer ao lado do aspecto iterativo para indicar que a situação criada pela repetição tem cursividade, como é o caso das sentenças (45.d) e (45.e).

⁹⁴ Idem (p. 93).

- Terminativo⁹⁵: se caracteriza por apresentar a situação nos seus últimos momentos ou em seu momento de término. Ele é percebido mais facilmente no primeiro caso. Exemplos⁹⁶:

46. a. Espere um momento que **estou acabando de arrematar** seu vestido.
- b. Raquel **terminava de escrever** a carta, quando o telefone tocou.
- c. Rita **terminou de limpar** a casa às 11 horas.

No caso do terminativo, os adjuntos adverbiais auxiliam o verbo no infinitivo, sendo os responsáveis pela marcação aspectual.

- Perfectivo: é caracterizado por apresentar a situação como completa, isto é, em sua totalidade. O todo da situação é apresentado como um todo único, inalisável, com começo, meio e fim englobados juntos. Não há tentativa de dividir a situação em suas fases de desenvolvimento. É como se a situação fosse vista de fora, em sua globalidade. O autor observa que este aspecto seleciona adjuntos adverbiais de tempo que indicam momentos e períodos de tempo determinados e/ou completos. Vejamos alguns exemplos⁹⁷:

47. a. Antônio **ouviu** música o dia todo.
- b. Pedro **pulara** o muro com facilidade.
- c. Célia **andou indo** ao cinema com Élio.
- d. Maria **ficou olhando** as fotos durante várias horas.
- e. Eu **estive** doente, por isso faltei a duas aulas.

⁹⁵ Aqui o autor faz uma observação em relação aos aspectos inceptivo e terminativo e as situações pontuais inceptivas e terminativas lembrando que muitas vezes o início ou o término de uma situação durativa (processo ou estado) é expresso lexicalmente por outros verbos, tais como: partir, nascer, adoecer, engordar, endurecer, chegar, morrer, vencer, decidir, achar etc, mas isso não implica dizer que há aspecto inceptivo ou terminativo pela simples presença destes verbos. A inepção ou a terminação dos processos e estados não estão marcadas gramaticalmente, uma vez que não estão sendo apresentadas no seu início ou término. A exemplo das sentenças “O trem **partiu**”, “Antônio **chegou**”, “Maria **venceu** o concurso de beleza do clube”, “Eu **achei** o livro”, “O trem **está chegando**”.

⁹⁶ Idem (p.93).

⁹⁷ Idem (p. 76).

O pretérito perfeito do indicativo e o pretérito mais-que-perfeito do indicativo são os maiores responsáveis pela marcação do aspecto perfectivo nas sentenças acima. Os adjuntos também auxiliam para a realização aspectual, contudo o caráter marcadamente aspectual deu-se, em sua maioria, por causa da flexão temporal.

- Imperfectivo: é caracterizado por apresentar a situação como incompleta, isto é, não temos o todo da situação e, por isso, normalmente ela é apresentada em uma de suas fases de desenvolvimento. Isto equivale a dizer que, normalmente, a noção que caracteriza o aspecto imperfectivo aparece juntamente com as noções aspectuais representadas pelas fases de desenvolvimento da situação. Aqui, ao contrário do que ocorre no perfectivo, é como se a situação fosse vista de dentro, enfocando-se não o seu todo. Este aspecto seleciona adjuntos adverbiais de tempo que indicam momentos e períodos de tempo indeterminados e/ou incompletos. Exemplos⁹⁸:

48. a. **Estou escrevendo** há dias e **começo a sentir-me** fatigado.
- b. A competição **iniciava-se** naquele instante.
- c. A festa **terminava**, quando ele saiu.
- d. Seus atos **vêm escandalizando** a todos.
- e. A mistura **ia endurecendo** lentamente.

A ocorrência do imperfectivo é marcada pela forte presença da flexão do verbo no pretérito imperfeito e por auxiliares no gerúndio, como também ocorreu em Castilho na seção anterior.

- Aspecto não-atualizado: quando não há noção aspectual presente na frase. Exemplos⁹⁹:

⁹⁸ Idem (p. 78).

⁹⁹ Idem (p. 95).

49. a. Você **tem de prestar** atenção.
b. **Hei de passar** no concurso.
c. As crianças **precisam se alimentar** bem.
d. **Posso servir** o jantar?
e. Se ele **pagar** a taxa até amanhã, não **haverá** problema.

O futuro restringe a atualização do aspecto, pois o aspecto não se atualiza no futuro apenas pela ação da flexão temporal, pois as perífrases, o semantema do verbo, os adjuntos adverbiais auxiliam para que o aspecto se estabeleça. Neste caso, não há noção aspectual presente nas sentenças.

O estudo realizado por Travaglia aponta alguns elementos responsáveis pela realização do aspecto, que são: a flexão verbal, as perífrases, o semantema do verbo, os adjuntos adverbiais, o tipo oracional, a repetição do verbo, a ênfase entonacional, as preposições e o complemento do verbo. No entanto, os exemplos citados aqui não deixam corroborar que há realização aspectual por meio do tipo oracional ou da ênfase entonacional. Sentimos falta de exemplos que esclarecessem esses dois importantes pontos de realização do aspecto verbal, porém, em relação a isso, continuamos sem visualização.

Os trabalhos de Castilho (1968) e Travaglia (1981), ambos funcionalistas, são de extrema importância para qualquer trabalho que trate do aspecto verbal não apenas pelo fato de ambos serem os pioneiros, mas também porque eles manifestaram interesse por organizar um quadro com os valores aspectuais do PB.

Castilho conceitua aspecto em três diferentes acepções: “O aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento. É pois, a representação espacial do processo. (1968:14). Posteriormente conceitua aspecto dessa forma “é a categoria que atualiza o processo definindo-lhe a duração” e como “a categoria que se reporta aos graus de realização da ação” (1968:41). Pelas definições estabelecidas pelo autor, é possível observarmos uma preocupação em definir o aspecto em relação ao modo

de ser da ação¹⁰⁰, apesar de este não ser o foco dos trabalhos. Segundo Castilho (1968, p. 40) o modo da ação representa uma compreensão *lato sensu* das noções aspectuais, uma vez que abrange um número ilimitado de possibilidades, englobando e ultrapassando a bipolaridade que caracteriza o aspecto. Decorre essa variedade de possibilidades do fato de assentar o modo da ação no próprio valor semântico do verbo, cujos caracteres objetivos se tem tentado apreender através de análises diversas, levadas sempre pela perspicácia dos linguistas a pontos cada vez mais distanciados dos limites da pura e simples noção de duração e de completamento”.

Em relação ao aspecto afirma: “o aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento.É, pois, a representação espacial do processo” (CASTILHO, 1968,p.14). No entanto, achamos que esta definição é muito ampla para definir o que é o aspecto, pois não ficou claro para nós como “a representação espacial do processo”, pode explicar uma sentença como “O marido **entra, sai, acorda, levanta-se, lê** o jornal, **liga** a telefonia, **arrasta** a mulher a um cinema”, sendo os verbos indicadores do aspecto iterativo perfectivo, ou uma situação como “**Conversávamos amiúde** sobre o andamento dos negócios”. Necessitamos de maiores detalhes para entender como essa definição de Castilho corrobora os exemplos citados e os aspectos apresentados.

Seguindo a mesma linha de Castilho, por não separar radicalmente aspecto e modo da ação, Travaglia opta pela seguinte definição de aspecto: “uma categoria verbal de TEMPO, não-dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação” (1981: 33). Acreditamos que esta definição é mais completa para o aspecto verbal porque o autor lança o quadro aspectual e os exemplos tentando explicar a definição dada. No entanto, no quadro desenvolvido por ele há uma preocupação em separar

¹⁰⁰ No momento em que os estudos do aspecto deixaram os quadros do eslavo e começa a manter curso em outros campos, percebeu-se que nestes ora se estava diante de realidades léxicas (pois era o semantema o recipiente da noção aspectual) ora se defrontavam realidades morfológicas (flexões e perífrases). No afã de bem caracterizar essas duas vertentes da noção de aspecto, começou-se a falar de aspecto (al. Aspekt) e de modo da ação (al . Aktionsart). (CASTILHO, p. 40).

a duração ou fases do aspecto (noções aspectuais) dos aspectos em si. O que não ficou totalmente claro foi o nome noções aspectuais, pois parece uma relação com os valores aspectuais de Castilho. Não houve uma explicação da importância dessas noções para o trabalho. Entendemos que as noções são as características dos aspectos dos verbos, como, por exemplo, o aspecto durativo tem uma noção de duração contínua limitada, haja vista a situação “Ele **estava nadando** desde as 6 horas da manhã”. Essa compreensão só é possível pela relação no quadro de noções aspectuais que ele lança. Acreditamos que, para um maior entendimento, essa questão deveria ser mais explorada pelo autor.

Importante destacar que nenhum desses autores baseou seus trabalhos em oposições, como tempo e aspecto ou mesmo aspecto e modo da ação, mas em algum momento na história das línguas aconteceu uma interpretação ligando o aspecto e o modo da ação, bem como separa tempo e aspecto na ação. Vale lembrar que a principal diferença entre tempo e aspecto, para ambos os autores, é que o primeiro marca a ação em relação à dêixis e o segundo marca a ação em relação ao seu desenvolvimento interno. Dessa forma, é importante mencionar o fato de alguns estudiosos das línguas darem ênfase às oposições aspectuais, enquanto que Castilho e Travaglia preocuparam-se mais com a definição do fenômeno.

Em relação ao próprio quadro aspectual, Castilho lança quatro valores aspectuais correspondentes a quatro aspectos, já mencionados neste trabalho, que são: duração (imperfectivo: inceptivo, cursivo e terminativo), completamento (perfectivo: pontual, resultativo e cessativo), repetição (iterativo: imperfectivo e perfectivo) e negação da duração e do completamento (indeterminado). O quadro de Travaglia comporta quatorze aspectos, sendo eles durativo, indeterminado, iterativo, habitual, pontual, não-começado, não-acabado ou começado, acabado, inceptivo, cursivo, terminativo, perfectivo, imperfectivo e aspecto não atualizado e opõe duas noções aspectuais: as fases e a duração. O trabalho de Travaglia é posterior ao de Castilho e, apesar deste servir como ponto de partida para aquele, Travaglia não intencionou fazer um trabalho que completasse o de Castilho, fechando as lacunas que ainda persistiram.

2.3 Conclusão

Nosso objetivo ao iniciar esta parte do trabalho era discutir sobre a questão: “Como o aspecto verbal se realiza?”, voltando nossa atenção sempre para o Português brasileiro (PB). Depois de algumas discussões, iniciadas na primeira parte, chegamos a algumas conclusões sobre tempo e aspecto. Uma delas é que ambos não se separam nas sentenças em PB, posto que o tempo marca a sentença de acordo com a dêixis e o aspecto marca as sentenças de acordo com a duração das situações. Essa percepção só é possível se fizermos uma interpretação conjunta ancorada no tempo e no aspecto. Essa alternativa é uma boa opção para evitar uma interpretação ambígua dos dois fenômenos.

A partir dessa conclusão, baseamo-nos nos quadros aspectuais desenvolvidos por Castilho (1968) e Travaglia (1981) para identificar as marcas aspectuais de acordo com estes autores. Para o primeiro, os elementos geradores da noção aspectual são a flexão temporal, as perífrases, os sufixos, os adjuntos adverbiais, o complemento do verbo e os tipos oracionais. Para o segundo, o aspecto se centra no verbo e é influenciado por elementos como o semantema verbal, flexões, os adjuntos adverbiais, o tipo oracional, as perífrases verbais, os complementos do verbo, as preposições, a repetição do verbo e a ênfase entonacional. Não podemos dizer que são diferentes porque os próprios elementos destacados

Neste sentido, entendemos que o aspecto verbal não se realiza exclusivamente por meio de marcas morfológicas pré e pós-verbais, como ocorre com o Mandarim e o Yawanawá, línguas citadas ainda na primeira parte, o que ocorre é uma interpretação conjunta dos componentes da sentença, como perífrases, adjuntos, semantema verbal, tipo oracional, que favorecem para uma interpretação aspectual ou temporal.

Esperamos ter conseguido explicar a diferença entre tempo e aspecto e as situações onde os dois fenômenos podem se realizar nas sentenças do PB. Essa oposição é problemática, pois não se consegue identificar, apenas olhando para os elementos morfológicos, se a sentença está no campo temporal ou aspectual. Uma análise mais cuidadosa é necessária para identificar os elementos encarregados da informação temporal, se é necessário destacar quando ou onde determinado fato ocorreu, ou para identificar os elementos responsáveis pela informação aspectual,

se há uma necessidade marcar a duração ou as fases de desenvolvimento dos fatos.

3. O ASPECTO VERBAL

Nesta etapa buscamos o encerramento das discussões iniciadas anteriormente, pois tentar apreender o que é o aspecto verbal depois de discutir sobre o que ele é e como se realiza em sentenças do PB é essencial para fechar esta etapa do trabalho. Por este motivo, lançaremos nossa proposta de interpretação a partir da proposta de Costa (1990). É importante deixar claro que esta é uma tentativa de interpretação, pois devido ao pouco tempo de estudo para o desenvolvimento deste trabalho uma discussão mais detalhada ficará para trabalhos futuros.

3.1: Uma leitura possível

Dispusemo-nos a discutir sobre o que é o aspecto verbal e se tempo e aspecto se separam. Para explicar o fenômeno aspectual tomamos uma definição de Travaglia (1981) que diz "o aspecto é uma categoria verbal de TEMPO , não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do complemento e o da realização, além de que trata da referência ou não à estrutura temporal interna de um fato." Dessa forma, entendemos o aspecto como sendo um fenômeno que descreve "como" uma ação é vista e "quanto" ela se prolongou e se este prolongamento chegou até o fim.

Pela comparação estabelecida entre tempo e aspecto optamos por estabelecer que o tempo e o aspecto não são categorias exclusivistas porque ambas podem aparecer na mesma sentença, tendo em vista que em PB os dois fenômenos possuem uma realização verbal, , contudo, podem ser interpretados de forma diferenciada, haja vista a sentença "Antônio **ouviu** música o dia todo", que possui um verbo flexionado no pretérito perfeito do indicativo indicando aspecto perfectivo. A diferença entre as sentenças se dá, sobretudo, porque o tempo é um fenômeno dêitico e o aspecto não.

Pensando no quadro aspectual do PB que foi desenvolvido por Castilho (1968) e Travaglia (1981), achamos necessário encontrar estratégias para facilitar a

identificação do tipo de aspecto em determinada sentença do Português, neste sentido encontramos na proposta de Costa (1990) uma forma de fazer com que esta interpretação seja possível.

Costa (1990, p. 12) separou as entidades em três: primeira, segunda e terceira ordem. As entidades de primeira ordem são representadas pelos objetos físicos, inclusive os seres humanos. Elas são tratadas pela mente humana como localizadas no espaço e a ela nos referimos dizendo que existem. As de segunda ordem são os acontecimentos, os processos, os estados e outros tipos de ocorrências que podem ser localizadas no tempo. Quando nos referimos a elas não dizemos que elas “existem”, e sim acontecem. Assim, as entidades de segunda ordem mantêm com o tempo a mesma relação que as entidades de primeira ordem mantêm com o espaço. As entidades de terceira ordem são de tipo abstrato; elas não se localizam nem no tempo nem no espaço. São produtos da nossa mente, que as constrói quando exercita a capacidade de raciocínio, de atribuir valores e formular juízos.

Um exemplo de entidades de terceira ordem são as proposições. Por exemplo, “O homem é mortal” não implica que possamos dizer que tal proposição existe ou acontece, apenas podemos dizer que é verdade ou falsa dadas as condições de verdade que tal proposição possa ser proferida. Como esta é uma afirmação de valor universal, afinal o homem de fato é mortal porque a vida acaba, podemos entender que esta sentença é totalmente verdadeira. Já a sentença “Está nevando nos Estados Unidos” será verdadeira se o que se afirma sobre ela for verdade, e será falsa se o que se afirma sobre ela for falso. Só poderemos implicar valor de verdade se soubermos das condições climáticas do país em determinado momento. Então, se dissermos que “Está nevando nos Estados Unidos” e de fato, estiver nevando, podemos dizer que esta sentença é verdadeira. Mas se dissermos que está nevando e não for um fato real, então esta sentença pode ser considerada falsa. Uma vez que as condições de verdade são requeridas, podemos dizer que estamos tratando de entidades de terceira ordem.

Para entender melhor como as entidades de segunda ordem se realizam, Costa montou um quadro separando acontecimentos, atos (ações), processos, atividades e estados e classificando-os com características quanto à durabilidade

[durativo], dinamicidade [dinâmico], permanência [permanente] e agentividade [agente].

Quadro 3: características de durabilidade, dinamicidade, permanência e agentividade.

Tipos	Traços				Exemplos
	Durativo	Dinâmico	Permanente	Agente	
Acontecimentos	-	+	-	-	Cair
Atos (Ações)	-	+	+ -	+	Quebrar
Processos	+	+	+ -	-	Crescer
Atividades	+	+	+ -	+	Ler
Estados	+	-	+ -	-	Continuar

Fonte: Costa, 1990.

A escolha por verbos para exemplificar foi proposital, segundo a autora “verbo é a classe de palavras que indiscutivelmente toma o tempo como referência, e assim é mais fácil, para pensar em tempo, trabalhar com verbos” (COSTA, 1990, p. 15). Assim, enquanto *cair* é um acontecimento, *crescer* é um processo, como nas situações abaixo:

50. a. O prato caiu.
- b. A árvore cresceu.
- c. O vaso quebrou.
- d. João leu o jornal.
- e. Os preços continuam subindo.

Em (50.a) cair é um acontecimento e porta uma característica [+ dinâmico], enquanto em (50.b) crescer é um processo que possui uma característica [+ durativo] e [+ dinâmico]. O acontecimento da queda não pode ser prolongado, ao passo que crescer admite certa duração. Já em (50.c) quebrar é um ato e por isso porta a característica [+ dinâmico]. Em (50.d) a leitura é uma atividade e admite [+ durativo], [+ dinâmico] e [+ agente], ao passo que em (50. e) continuar é um estado, desta forma porta uma característica [+ durativo].

A mesma diferença que há entre um acontecimento e um ato, há entre um processo e uma atividade; atos e atividades implicam a existência da característica [+ agente] enquanto os acontecimentos e os processos não implicam na existência desta. Já os estados não têm a característica [+ agente], no que se identificam com um elemento de cada um dos blocos, mas diferem em relação a todos os outros quanto à característica [± dinâmico]. Tendo conhecimento dessas características, acreditamos que fica mais fácil para identificar o tipo de aspecto existente em determinada sentença, pois de acordo com o que foi dito em Castilho e Travaglia nós podemos associar a característica [+ durativo] ao valor de duração associado ao aspecto imperfectivo, por exemplo. Neste sentido, ficam mais visíveis as características de determinado aspecto nas sentenças, deixando a explicação mais acessível para qualquer pesquisador que se interesse pelo tema.

Tomando o quadro de de Costa (1990) e pensando no que foi analisado a partir das contribuições de Castilho (1968) e Travaglia (1981) nas seções anteriores, faremos uma proposta de interpretação das sentenças com o aspecto verbal partindo de traços aspectualizadores que caracterizam o fenômeno. Segue abaixo um quadro que expõe estas marcas para a formalização da proposta.

Quadro 4: marcas aspectuais

Características	Valores	Sinais
Durativo	prolongamento da ação	+, -, ±
Dinâmico	Alteração na sequência	+, -, ±
Permanente	Não há alteração na sequência da ação	+, -, ±

Mantivemos as marcas [durativo], [dinâmico] e [permanente] de Costa (1990), considerando que a marca [durativo] indica um prolongamento da ação, o traço [permanente] indica que não houve mudança na situação e ela segue sem alteração e a marca [dinâmico] indica que houve uma alteração em determinada sequência na sentença. Já o sinal (+) é uma característica para indicar que o que se destaca em determinada sentença é a presença da marca e (-) indica que a marca não se sobrepõe na sentença. A presença do (±) significa que a sentença pode aceitar que a marca se sobressaia ou não em determinados contextos.

Então, vejamos como a proposta de Costa (1990) funciona com as informações do quadro aspectual de Travaglia (1981).

Quadro 5: realização aspectual

Realização aspectual	Aspectos	Exemplos
∅	Indeterminado	Uma semana tem sete dias.
[± durativo] [+ dinâmico] [- permanente]	Iterativo	A menina saltitava de alegria, quando entrei na sala.
[+ durativo] [- dinâmico] [+ permanente]	Habitual	Paulo fuma muito.
[- durativo] [- dinâmico] [+ permanente]	Pontual	Achei seu anel dentro da gaveta do criado.
[- durativo] [+ dinâmico] [- permanente]	Acabado	O treinador do time esteve doente .
[- durativo] [+ dinâmico] [- permanente]	Inceptivo	José começou a falar na segunda aula.
[+ durativo] [- dinâmico] [+ permanente]	Cursivo	Irene sabe matemática muito bem
[+ durativo] [+ dinâmico] [- permanente]	Terminativo	Rita terminou de limpar a casa às 11 horas.
[- durativo] [- dinâmico] [+permanente]	Perfectivo	Acabou por vencer a vontade firme do déspota caseiro
[+ durativo] [+ dinâmico] [- permanente]	Imperfectivo	A mistura ia endurecendo lentamente

O indeterminado caracteriza-se por ser avesso ao aspecto e ao tempo, não sendo afetado pelo perfectivo ou imperfectivo. Ou seja, as formas verbais não se atualizam pelo aspecto, sendo difícil sua determinação, por isso o nome indeterminado, por este motivo escolhemos o símbolo ∅ para determinar este aspecto. Por exemplo, na sentença “Os ângulos internos dos triângulos somam 180 graus”, pois não há como saber precisar limites da ação porque ela segue como uma linha do tempo onde não se pode prever um fim. O presente gnômico é característica de ditados populares e afirmativas de valor universal, como “O homem é mortal” e “Uma semana tem sete dias” caracterizam essa realização.

O iterativo é um aspecto caracterizado pela repetição e comporta ações durativas e pontuais, por isso marcamos como [\pm durativo], [+ dinâmico] e [- permanente]. Vejamos as sentenças “Ela me acenou várias vezes” e “Maria veio da cozinha cuspinhando para expulsar da boca o gosto amargo do remédio que tomara”, onde é possível perceber uma repetição em “me acenou várias vezes” e “veio da cozinha cuspinhando”. Estas ações repetidas admitem uma duração de acordo com os verbos adotados nas sentenças. Como houve mudança de estado nas sentenças, a permanência não pode se prolongar. Neste caso, utilizamos a marca [- permanente]. A sentença “A menina saltitava de alegria, quando entrei na sala” é a sentença que melhor caracteriza este aspecto porque a natureza do verbo saltitar é a repetição.

O habitual possui características durativas e apresenta várias realizações da mesma situação. Desta forma, marcamos como [+ durativo], [- dinâmico] e [+ permanente] para designar este aspecto. Vejamos os exemplos “Paulo fuma muito”, “Sempre que chegavam visitas, mamãe fazia biscoitos fritos” e “Todas as manhãs ela me cumprimenta com um sorriso”. Todas as ações acontecem com certa regularidade, fazendo com que as marcas durativo e permanente se sobreponham nas sentenças. Importante destacar que o hábito, nas sentenças citadas, não é apenas marcado pelo verbo no presente como “fuma” e “cumprimenta”, mas também pelos auxiliares verbais de “chegavam” (sempre) e de “cumprimenta” (todas as manhãs).

O pontual é caracterizado por apresentar a situação como pontual, ou seja, como não tendo duração, por isso marcamos como [- durativo], [- dinâmico] e [+ permanente]. Por exemplo, nas sentenças “Achei seu anel dentro da gaveta do criado”, “Maria conversou comigo por muito tempo” e “Um dia Mariana descobriu o que podia fazer com o dinheiro”. Pelos verbos “achei”, “conversou” e “descobriu” é possível ver a relação de pontualidade dos aspectos, pois as ações foram iniciadas e concluídas sem qualquer duração ou mudança de estado. Ou seja, fato de ter achado o anel encerrou a procura pelo objeto perdido; o assunto da conversa de Maria já acabou e a descoberta de Mariana levou-a de um estado de incerteza para certeza do que fazer com o dinheiro. O verbo permaneceu o mesmo desde o início até a conclusão da ação. É oposto ao iterativo.

O acabado se caracteriza por apresentar a situação após seu momento de término, portanto, como concluída, acabada, terminada. Neste caso, os verbos portam as marcas [- durativo], [+ dinâmico] e [- permanente]. Vejamos os exemplos “O treinador do time esteve doente”, “Maria leu o livro” e “Eu já soube matemática muito bem”. Nas sentenças, as ações começaram e acabaram sem qualquer duração, mas com mudança de estado. Ou seja, o treinador esteve doente, mas agora não está mais; Maria não tinha lido o livro, mas agora leu, e o fato de que eu já soube matemática e agora já não sei mais também implica mudança de estado. Todas as ações implicaram uma mudança de estado. Por isso, é presente a marca dinâmica nas sentenças acima. Este aspecto é oposto ao habitual.

Por ser o inceptivo indicador dos primeiros momentos da ação, não nos deixando perceber a duração que segue, marcamos este aspecto como [- durativo], [+ dinâmico] e [- permanente]. Vejamos as sentenças “José começou a falar na segunda aula”, “Jorge começará a soltar os fogos de artifício às 20 horas” e “Estou escrevendo há dois dias e começo a sentir-me fatigado”. Na primeira sentença José estava calado durante a primeira aula, mas na segunda não. Houve uma mudança de estado. Na segunda sentença a ação ainda não se iniciou de fato, mas está prestes a acontecer, posto que há uma hora marcada para soltar os fogos de artifício. Então, há presença apenas da marca dinâmica porque Jorge iniciará uma outra ação. Na terceira sentença a fadiga é uma consequência de uma ação que já vinha ocorrendo há dois dias, apresentando uma nova situação na sentença, neste caso também apareceu uma marca dinâmica, porque a marca durativa não chegou a se manter tempo suficiente para que houvesse duração, bem como não houve espaço para uma marca permanente.

O cursivo caracteriza uma duração de que se ignoram os limites. A ação é apanhada em seu pleno desenvolvimento, inexistindo preocupações em torno do princípio ou do fim do processo, dessa forma marcamos como [+ durativo], porque a ação se prolonga, [- dinâmico] porque não há mudança de estado e [+ permanente] porque a ação permanece a mesma. Vejamos as sentenças “Irene sabe matemática muito bem” e “Minha cabeça tem doído muito”. Irene saber matemática muito bem é um estado permanente e a menos que ela pare de estudar matemática, ela saberá a matéria pelo resto da vida. Na segunda sentença “tem doído muito” não implica

qualquer alteração de estado, ou seja, a dor está acontecendo com frequência e sem mudança de estado. É oposto ao inceptivo.

O terminativo se caracteriza por apresentar a situação nos seus últimos momentos ou em seu momento de término. Por ainda estar em desenvolvimento, marcamos como [+ durativo], [+ dinâmico] e [- permanente]. As sentenças “Raquel terminava de escrever a carta, quando o telefone tocou” e “Rita terminou de limpar a casa às 11 horas” apresentam duração na primeira sentença, onde [+ durativo] é marcado por “terminava de escrever a carta”, que implica uma mudança de estado por causa da segunda ação “quando o telefone tocou”, por isso a marca [- permanente]. Em “terminou de limpar a casa” mudança de estado ocorre porque agora a casa está limpa.

O perfectivo é caracterizado por apresentar a situação como completa, isto é, em sua totalidade. O todo da situação é apresentado como um todo único, inalisável, com começo, meio e fim, por isso marcamos como [- durativo], [- dinâmico] e [+ permanente]. Vejamos que as sentenças “Acabou por vencer a vontade firme do déspota caseiro” e “Roberto acabou concordando em vir conosco” não portam a marca durativa e dinâmica porque as ações não duram e não apresentam mudança de estado. Por isso marcamos como permanente para indicar que ação começou e terminou sem qualquer alteração.

O imperfectivo é caracterizado por apresentar a situação como incompleta, isto é, não temos o todo da situação e, por isso, normalmente ela é apresentada em uma de suas fases de desenvolvimento. É oposto ao perfectivo e ao terminativo e suas características comportam as marcas [+ durativo], [+ dinâmico] e [- permanente]. Vejamos os exemplos “A competição iniciava-se naquele instante” e “A mistura ia endurecendo lentamente”. Há presença das marcas durativa e dinâmica, posto que há mudança de estado.

Chamamos atenção para os aspectos e as marcas que eles portam. O iterativo é o único aspecto que porta a marca [\pm durativo], posto que aceita ações durativas e pontuais. Esta é uma característica única deste aspecto em particular. O habitual e o cursivo possuem as mesmas marcas e não é estranho que tal aconteça, pois, pelas características [+ durativo] e [+ permanente] podemos considerar que uma ação habitual acabe sendo cursiva também. Situação semelhante acontece com o pontual

e o perfectivo, que portam as mesmas características e o aspecto perfectivo acaba sendo também pontual, e com o terminativo e o imperfectivo, onde as ações podem ser vistas em desenvolvimento. Por outro lado, os aspectos acabado e inceptivo portam os mesmas características, sem possuir qualquer relação, como nas situações anteriores.

Se estivermos no caminho certo, acreditamos que, a partir dessas interpretações, as características do aspecto verbal em sentenças do Português brasileiro apresentadas no quadro “realização aspectual” desenvolvido nesta seção.

3.2 Conclusão

Agora vamos propor uma leitura das sentenças no Português brasileiro com marcadores aspectuais, por isso, a partir das marcas lançadas por Costa (1990), propusemos um quadro interpretativo com traços que chamamos de marcas aspectuais para analisar as sentenças com aspecto verbal. Estamos cientes de que este quadro é um modelo aplicável apenas aos dez aspectos citados no quadro e que para isso precisamos saber qual é o aspecto verbal presente nas sentenças, contudo não achamos necessário propor outro quadro aspectual para o PB, pois aceitamos e coadunamos com os quadros de Castilho e Travaglia. Então, nossa proposta é complementar os quadros aspectuais citados.

Após observar os aspectos dispostos no quadro com os marcas aspectuais discriminadas, notamos que alguns aspectos se complementam, como é o caso do cursivo e do terminativo e do pontual e do perfectivo, ao passo que outros se distanciam, como é o caso do perfectivo que se opõe ao imperfectivo. Neste caso, o quadro das marcas aspectuais nos ajudou a complementar algumas características presentes nos aspectos descritos por Castilho e Travaglia na segunda parte do trabalho.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este trabalho não sabíamos exatamente o que encontrar no caminho, pois eram tantas as informações desencontradas e tantas definições sobre o tema que quase nos perdemos no mar de informações aspectuais, se é que podemos nomear dessa forma. Por isso, acreditamos que o ponto de partida era entender bem o fenômeno, saber o que significava e como agia nas sentenças do Português brasileiro.

Então, escolhemos Castilho (1968) e Travaglia (1981) para discutir sobre o que é o aspecto verbal. Segundo o autor (1968:14) “O aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento. É pois, a representação espacial do processo” que tomamos como uma resposta mais geral. Consideramos que esta definição de Travaglia (1981:33) seja complementar à de Castilho, que diz que o aspecto é “uma categoria verbal de TEMPO, não-dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação”.

No decorrer do texto e principalmente devido às comparações feitas com as línguas Mandarim, Yawanawá e Inglês, observamos que o PB, quanto à presença da marca aspectual, se distancia das primeiras e se aproxima da última, pois o verbo é o responsável pela marcação temporal e aspectual. Diante disso, compreendemos que tempo e aspecto se separam não se separam, apesar de poderem ser interpretados de formas diferentes, como vimos o tempo tem como principal auxiliar o verbo e a dêixis. Além disso, podemos relacionar tempo às situações extralinguísticas. Em contrapartida, o aspecto pode ser realizado por meio da flexão temporal, as perífrases, os sufixos, os adjuntos adverbiais, o complemento do verbo, de acordo com Castilho, e também pode ser influenciado por elementos como o semantema verbal, flexões, os adjuntos adverbiais, as perífrases verbais, os complementos do verbo, as preposições, a repetição do verbo, segundo Travaglia. Dessa forma, tomamos o “quando” e o aspecto como o “como” das situações.

Partindo das características aspectuais sugeridas por Costa (1990), propusemos um quadro com marcas aspectuais para complementar o quadro

proposto por Castilho e Travaglia. Optamos por uma interpretação simples onde qualquer estudante interessado pelo tema pudesse utilizar nosso trabalho como ponto de partida para os estudos subsequentes. Nossa proposta não era resolver todos os problemas em torno do aspecto verbal, pois isso não é possível. Há muito trabalho a ser feito, pois existem vários recortes possíveis dentro deste universo que é o aspecto verbal, contudo devemos começar de algum modo. Esta pesquisa foi resultado da melhor forma que achamos que deveríamos iniciar nossos estudos em torno deste tema. Pretendemos nos aprofundar mais em trabalhos futuros.

5. BIBLIOGRAFICA CONSULTADA

- BORGES NETO, José. **Semântica de modelos**. In: MÜLLER, A.L.; NEGRÃO, E.V.; FOLTRAN, Maria.J (Orgs). **Semântica Formal**. São Paulo, Contexto, 2003.
- BECHARA, Evanildo. **Verbo**. In: Moderna gramática portuguesa. 37ed. 14ª impressão. Rio de Janeiro: Lucerna, páginas: 209- 287. 2004/ 2009.
- CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte, UFMG, 2005.
- CHIERCHIA, Gennaro. **Semântica**. Campinas, Unicamp. 2003.
- DE PAULA, Aldir S. **A língua dos índios Yawanawá do Acre**. Maceió, Edufal, 2007.
- FERREIRA, Marcelo. **Introdução à Semântica Formal**. Campinas, Evelin, 2004.
Disponível em: <http://web.mit.edu/cilene/www/sema/aula3/Ferreira.pdf>.
- FREITAG, Raquel. M.K. **A expressão do passado perfectivo no Português: variação/ gramaticalização e mudança**. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- ILARI, Rodolfo; GERALDI, J. Wanderley. **Semântica**. São Paulo, Ática, 1994.
- MARQUES, M. H. D. **Iniciação à semântica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- MATOS, Sérgio. **Aspectos da Semântica e pragmática do imperfeito do indicativo**. Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas, Porto, XIII, 1996, pp. 435-473.
- MECZ, Inêz.T. **A Semântica**. São Paulo, Parábola, 2006.

OLIVEIRA, F. **Semântica**. In: FARIA, I.H.; PEDRO, E.R.; DUARTE, I.; GOUVEIA, Carlos .A. M. (Orgs). Introdução à Linguística geral e portuguesa. Lisboa, Caminho-coleção universitária, série Linguística, p. 333-375, 1996.

SAUSURRE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1987.

6. REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral II. Campinas: Pontes, (1989[1974]. In: BARBOSA, Juliana B. **Uma proposta de caracterização do pretérito perfeito no Português**. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008.
- BARBOSA, Juliana B. **Uma proposta de caracterização do pretérito perfeito no Português**. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008.
- BASSO, Renato M. **Telicidade e detelicização: semântica e pragmática do domínio tempo-aspectual**. Dissertação de Mestrado. IEL/UNICAMP, 2007.
- CASTILHO, Ataliba.T. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. São Paulo: Marília, 1968.
- _____. **O sintagma verbal**. In: Nova Gramática do Português brasileiro. 1.ed., 1ª Reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.
- COMRIE, Bernard. **Aspect: An Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems**. London, Cambridge University Press, 1976.
- CORÔA, Maria M.S. **O tempo nos verbos do Português: uma introdução à sua interpretação semântica**. São Paulo, Parábola, 2005.
- COSTA, Sônia B.B. **O aspecto em Português**. São Paulo: Contexto, 1990.

DE PAULA, Aldir S. **A língua dos índios Yawanawá do Acre**. UNICAMP, Dissertação de mestrado, 2004.

GODOI, Elena. **Aspectos do aspecto**. São Paulo, Unicamp, tese de doutorado, 1992.

ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em Português**. São Paulo: Contexto, 1997.

KLEIN, Wolfgang, LI, Ping and HENDRIKS, Henriette. **Aspect and assertion in Mandarin Chinese**. In: Revista Natural Language & Linguistic Theory, 18: 723–770, 2000.

OLIVEIRA, F. **Tempo e Aspecto**. In: M^a H. M. Mateus, A. M^a Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al, Gramática da língua portuguesa. 6^a edição, 127-178. revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 2003.

PERINI, Mário. **Uso das formas verbais (tempo verbal)**. In: Gramática do português brasileiro. São Paulo, Parábola Editorial, páginas 219- 233. 2010.

REICHENBACH, Hans. Elements of symbolic logic. New York: Macmillan, 1947. In: CORÔA, Maria.M.S. **O tempo nos verbos do Português: uma introdução à sua interpretação semântica**. São Paulo, Parábola, 2005.

SMITH, C. S. The parameter of aspect, 1991. In: Carlos E. S.L. **Um estudo exploratório do processamento de informação das interfaces na aquisição da linguagem: o aspecto verbal no português**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, dissertação de mestrado, 2007.

TRAVAGLIA, L. Carlos. **O aspecto verbal no Português: a categoria e sua expressão**. Uberlândia, Gráfica da UFU, 1981.